

Muitas Vidas,  
Muitos Mestres

BRIAN L. WEISS, M.D.

*Muitas Vidas, Muitos Mestres* traduzido de  
*Many Lives, Many Masters*

A Fireside Book Published by Simon & Schuster Copyright © 1988 by Brian L. Weiss, M. D. © da tradução: Editora *Pergaminho*, 1998 Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte e em qualquer formato. Direitos desta edição reservados para a língua portuguesa (Portugal) à Editora *Pergaminho*, Lda. Lisboa - Portugal 1.a edição, 1998 ISBN 972-711-181-5

*Para Carole, minha esposa,  
Cujo amor me fortaleceu e me apoiou  
Por mais tempo do que aquele que consigo recordar. Estaremos juntos até ao fim dos  
tempos.*

*Os meus agradecimentos vão em primeiro lugar para os meus filhos, Jordan e Amy, que me  
perdoaram por lhes roubar tanto tempo para poder escrever este livro.*

*Agradeço também a Nicole Paskow pela transcrição das gravações efectuadas nas sessões de terapia.  
As sugestões editoriais de Julie Rubin, depois de ter lido o primeiro rascunho deste livro, tiveram  
para mim imenso valor.*

*Os meus agradecimentos do fundo do coração para Barbara Guess, a minha editora na Simon &  
Schuster, pelos seus conhecimentos e pela sua coragem.*

*A minha mais profunda estima vai também para todos os outros que de qualquer modo me ajudaram a  
tornar este livro possível.*

## PREFÁCIO

Sei que existe uma razão para todas as coisas. É possível que no momento em que ocorre um determinado acontecimento não tenhamos nem o discernimento nem a visão antecipada para compreendermos a razão, mas com tempo e paciência tudo se virá a esclarecer.

Foi assim que tudo se passou com Catherine. Encontrei-a pela primeira vez em 1980 quando ela tinha vinte e sete anos. Viera ao meu consultório procurando ajuda para a ansiedade, ataques de pânico e angústia que a dominavam. Embora esses sintomas se verificassem desde a sua infância, haviam-se tornado muito mais graves num passado recente. À medida que os dias iam passando sentia-se cada vez mais paralisada e menos capaz de agir. Estava aterrorizada e compreensivelmente deprimida.

Em contraste com o caos que nessa altura se verificava na vida dela, a minha corria da melhor maneira possível. Tinha um casamento estável, dois filhos ainda muito novos e uma carreira florescente.

Desde o princípio que a minha vida sempre pareceu seguir um percurso sem obstáculos. Crescera num lar onde predominava o afecto. O sucesso académico viera facilmente e no segundo ano da universidade tomei a decisão de vir a ser psiquiatra.

Em 1966 licenciiei-me Phi Beta Kappa<sup>1</sup>, magna cum laude, na Universidade de Columbia em New York. Segui então para a Escola de Medicina da Universidade de Yale e recebi o meu diploma de M.D.<sup>2</sup> em 1970. Depois de um internato no Centro de Medicina de Bellevue da Universidade de New York, regressei a Yale para completar a minha especialização em Psiquiatria. Terminada esta aceitei um lugar de professor na Universidade de Pittsburgh. Dois anos mais tarde mudei-me para a faculdade da Universidade de Miami, onde assumi o cargo de Director do Departamento de Psicofarmacologia. Foi aí que consegui conquistar um nome a nível nacional nos campos da psiquiatria biológica e do abuso de substâncias. Depois de quatro anos na universidade fui promovido ao lugar de Professor Associado de Psiquiatria na Escola Médica, e fui nomeado Director de Psiquiatria num grande hospital de Miami que se encontrava ligado à universidade. Nessa altura já publicara trinta e sete artigos científicos e estudos sobre temas da minha especialidade.

Anos de um estudo disciplinado haviam-me permitido treinar a mente como cientista e como médico, conduzindo-me ao longo de estreitas veredas no conservadorismo da minha profissão. Desprezava tudo aquilo que não fosse passível de ser provado por métodos científicos tradicionais. Estava ao corrente de alguns estudos em parapsicologia que eram conduzidos em universidades de renome por todo o país, mas que não conseguiam despertar a minha atenção. Para mim parecia tudo demasiado rebuscado.

Foi nessa altura que encontrei Catherine. Durante dezoito meses utilizei métodos convencionais para a ajudar a ultrapassar os seus sintomas. Quando parecia

---

<sup>1</sup> Sociedade honorífica, fundada em 1776, cujos membros vitalícios são escolhidos entre os estudantes universitários de maior distinção académica.

<sup>2</sup> M. D. - Doctor of Medicine (Medicinal Doctor).

que nada funcionava, tentei a hipnose. Numa série de estados de transe, Catherine recordou memórias de «vidas passadas», que provaram serem os factores causais dos seus sintomas. Também demonstrava ser capaz de agir como receptor de informações de «entidades espirituais» altamente evoluídas, e através delas revelou muitos segredos de vida e de morte. Em meia dúzia de meses os seus sintomas desapareceram, e ela retomou a sua vida, mais feliz e mais em paz do que alguma vez estivera.

Não havia nada na minha formação que me tivesse preparado para uma situação destas. Sentia-me absolutamente assombrado com o desenrolar destes acontecimentos.

Não possuo qualquer explicação científica para aquilo que se passou. Ainda hoje existe um número infindo de coisas a respeito da mente humana que se encontra para lá da nossa compreensão. Talvez fosse possível, sob hipnose, que Catherine conseguisse concentrar-se na parte da sua mente subconsciente que armazenava memórias reais de vidas passadas, ou talvez tivesse deparado com aquilo que o psicanalista Carl Jung designava por inconsciente colectivo, a fonte de energia que nos rodeia e contém as memórias de toda a raça humana.

Os cientistas estão a começar a procurar essas respostas. Nós, como sociedade, temos muito a ganhar com a investigação sobre os mistérios da mente, da alma, da continuação da vida para além da morte, e da influência das experiências de vidas passadas no nosso comportamento actual. É óbvio, como se compreende, que as ramificações são ilimitadas, em especial nos campos da medicina, psiquiatria, teologia e filosofia.

No entanto, a investigação cientificamente rigorosa neste campo ainda se encontra na sua infância. Têm sido dados grandes passos para desvendar a informação a este respeito, mas o processo é lento e depara com grande resistência por parte de cientistas e leigos com ideias análogas.

Ao longo de toda a história a humanidade sempre resistiu a mudanças e à aceitação de novas ideias. Os registos históricos estão repletos de exemplos. Quando Galileu descobriu as luas de Júpiter, os astrónomos da época recusaram aceitar ou até mesmo olhar para esses satélites, porque a existência dessas luas era motivo de conflito com as suas crenças aceites de antemão. O mesmo se passa agora com psiquiatras e outras terapeutas, que recusam examinar e avaliar as provas consideráveis que têm sido reunidas sobre a sobrevivência após a morte corporal e sobre as memórias de vidas passadas. Os seus olhos continuam obstinadamente fechados.

Este livro representa a minha modesta contribuição para a evolução da investigação no campo da parapsicologia, especialmente o ramo que lida com as nossas experiências antes do nascimento e depois da morte. Tudo aquilo que o leitor irá ler é verídico. Não acrescentei o que quer que fosse e eliminei apenas as partes que eram repetitivas. Modifiquei levemente a identidade de Catherine exclusivamente para garantir a sua confidencialidade.

Levou-me quatro anos a escrever tudo aquilo que se passou, quatro anos para assumir o risco profissional de revelar esta informação não ortodoxa.

Aconteceu-me de repente numa noite em que me encontrava debaixo do chuveiro - senti um impulso irreprimível de transcrever esta experiência para o

papel. Tinha uma sensação muito forte de que era a altura exacta, de que não devia reter a informação por mais tempo. As lições que eu tivera deviam ser partilhadas com os outros, já não podiam ser guardadas em privado. O conhecimento viera através de Catherine e agora teria que ser passado através de mim. Sabia que nenhuma consequência que eu viesse a enfrentar poderia ser mais devastadora do que o facto de não partilhar o conhecimento que adquirira sobre a imortalidade e o verdadeiro significado da vida.

Saí rapidamente do chuveiro e sentei-me à secretária com o monte de fitas gravadas durante as sessões com Catherine. Às primeiras horas da madrugada, recordei-me do meu velho avô de origem húngara que morrera quando eu ainda era um adolescente. Sempre que lhe dizia que sentia medo de correr um risco qualquer, encorajava-me carinhosamente repetindo a sua frase favorita em Inglês: «*Vat the hell*», dizia, «*vat the hell.*» (Deita para o Inferno.)

# 1

No primeiro dia em que Catherine foi ao meu consultório envergava um vestido de um carmesim muito vivo e folheava nervosamente uma revista enquanto aguardava na sala de espera. Via-se nitidamente que lhe faltava o ar. Passara os vinte minutos anteriores a caminhar de um lado para o outro no corredor que ficava do lado de fora dos consultórios do Departamento de Psiquiatria, tentando convencer-se a não desistir da consulta nem fugir a correr.

Fui à sala de espera para a cumprimentar e apertei-lhe a mão. Notei que tinha a mão fria e húmida, o que confirmava a sua ansiedade. Na realidade demorara dois meses a reunir coragem para marcar uma consulta comigo, mesmo depois de ter sido calorosamente aconselhada por dois médicos de clínica geral em quem confiava. Finalmente, ali estava ela.

Catherine é uma mulher extraordinariamente atraente, de cabelos louros que lhe descem até aos ombros e olhos cor de avelã. Trabalhava nessa altura como técnica de laboratório no hospital onde eu era Chefe de Psiquiatria, e tinha um rendimento extra a desenhar modelos de fatos de banho.

Conduzi-a para o meu consultório, esqueci-me do sofá e convidei-a a sentar-se numa ampla cadeira de couro. Ficámos sentados um em frente do outro, com a minha secretária semicircular a separar-nos. Catherine recostou-se na cadeira, silenciosa, não sabendo por onde é que havia de começar. Esperei, preferindo que ela escolhesse a abertura, mas depois de alguns minutos comecei a fazer-lhe perguntas sobre o seu passado. Nessa primeira visita começámos a deslindar quem era ela e porque é que viera consultar-me.

Respondendo às minhas perguntas, Catherine revelou a história da sua vida. Era a filha do meio, criada numa família católica conservadora de uma pequena cidade do Massachussets. O seu irmão, nascido três anos antes dela, era muito atlético, e gozava de uma liberdade que a ela nunca era permitida. A sua irmã mais nova era a favorita tanto do pai como da mãe.

Quando começámos a falar sobre os seus sintomas, ficou nitidamente mais tensa e nervosa. O discurso era rápido, e inclinava-se para a frente, apoiando os cotovelos

na secretária. A sua vida sempre fora sobrecarregada com receios. Tinha medo da água, tinha medo de sufocar ao ponto de não conseguir tomar comprimidos, tinha medo de andar de avião, tinha medo do escuro, e sentia-se aterrorizada com a ideia de morrer. Num passado recente os seus temores haviam começado a piorar. Para se sentir segura era frequente dormir no hall de entrada do seu apartamento. Tinha que suportar duas ou três horas de insónia antes de ser capaz de adormecer. E depois de cair no sono, este era leve e entrecortado, acordando frequentemente. Os pesadelos e crises de sonambulismo que haviam atormentado a sua infância estavam a regressar. À medida que os seus medos e sintomas a paralisavam cada vez mais, ia-se tornando mais deprimida.

Enquanto Catherine continuava a falar, conseguia aperceber-me de como ela sofria. Ao longo dos anos ajudara muitos pacientes como Catherine a enfrentarem a agonia dos seus medos, e sentia que também era capaz de a ajudar. Decidi que era preciso mergulhar na sua infância, procurando os motivos originais dos seus problemas. Este tipo de visão interior ajuda normalmente a aliviar a ansiedade. Se necessário, e se ela conseguisse engolir comprimidos, tencionava propor-lhe que tomasse um ansiolítico leve para que se sentisse melhor. Para os sintomas de Catherine era um tratamento padrão de acordo com os manuais, e nunca hesitei em prescrever tranquilizantes, ou mesmo medicamentos antidepressivos, no tratamento de medos e ansiedades graves de natureza crónica. Presentemente uso esses medicamentos com muito maior moderação e só temporariamente, embora procure sempre evitá-los. Não existe medicamento que seja capaz de alcançar as verdadeiras raízes desses sintomas. As minhas experiências com Catherine e outros pacientes como ela provaram-me isto sem margem para dúvidas. Agora sei que podemos ter verdadeiras curas e não apenas a supressão ou o mascarar de sintomas.

Durante a primeira sessão procurei gentilmente fazer com que ela recuasse até à sua primeira infância. Tendo verificado que Catherine só conseguia recordar um número extraordinariamente reduzido dos acontecimentos dos seus primeiros anos de vida, anotei mentalmente que a hipnoterapia talvez viesse a constituir um atalho permitindo ultrapassar esta resistência. Não se conseguia lembrar de quaisquer momentos especialmente traumáticos da sua infância que pudessem explicar a epidemia de medos da sua vida.

Enquanto ela fazia os maiores esforços procurando recordar-se, iam surgindo fragmentos isolados de factos passados. Numa altura em que tinha cerca de cinco anos de idade, entrara em pânico quando alguém a empurrara para a prancha de uma piscina. No entanto afirmou que, mesmo antes do incidente, nunca se sentira confortável dentro de água. Quando Catherine tinha onze anos a mãe dela caiu numa depressão profunda. O estranho corte da mãe em relação a toda a família implicava a necessidade de visitas a um psiquiatra com subsequentes tratamentos por electrochoque. Esses tratamentos haviam feito com que a mãe sentisse dificuldades em recordar-se das coisas. Sentia-se aterrorizada com o que se tinha passado com a mãe, mas quando esta melhorou e voltou a ser de novo «ela», Catherine afirmou que os seus medos se haviam dissipado. O pai apresentava uma longa história de abuso de álcool e havia alturas em que o irmão de Catherine tinha que ir buscar o pai ao bar local. O aumento progressivo de consumo de álcool levou a que o pai começasse a ter brigas frequentes com a mãe, o que fazia com que pouco a pouco se tornassem

sorumbáticos e afastados um do outro. No entanto Catherine encarava estes acontecimentos como um padrão familiar que aceitava de antemão.

Fora de casa as coisas corriam melhor. No liceu tinha um namorado, e relacionava-se facilmente com as colegas, a maior parte das quais já conhecia há vários anos. Mesmo assim continuava a sentir dificuldade em acreditar nas pessoas, em especial nas que não pertenciam ao seu pequeno círculo de amigos.

A sua religião era simples e incontestada. Fora criada na crença da ideologia e práticas tradicionais católicas, e nunca chegara a duvidar da verdade e fundamentos da sua fé. Acreditava que todo aquele que fosse bom católico e vivesse correctamente, observando a fé e os seus rituais, seria recompensado indo para o céu; no caso contrário seria condenado ao purgatório ou ao inferno. Um Deus patriarcal e o Seu Filho tomavam estas decisões finais. Vim a saber mais tarde que Catherine não acreditava na reencarnação; de facto, sabia muito pouco sobre este conceito, embora tivesse lido alguma coisa a respeito dos Hindus. A reencarnação era uma ideia contrária à sua educação e compreensão. Nunca lera obras sobre questões metafísicas ou do oculto, não tendo demonstrado qualquer interesse por elas. Sentia-se segura das suas crenças.

Depois do liceu Catherine completou um programa técnico de dois anos, tendo recebido no final um diploma de técnica de laboratório. Armada com uma profissão e encorajada pela deslocação do irmão para Tampa, Catherine conseguiu um emprego em Miami num grande hospital escola filiado na Escola de Medicina da Universidade de Miami. Mudou-se para Miami na primavera de 1974, quando tinha vinte e um anos.

A vida de Catherine numa pequena cidade corria mais facilmente do que tudo aquilo que agora se via obrigada a enfrentar em Miami, mas mesmo assim sentia-se feliz por se ter escapado aos problemas familiares.

Durante o seu primeiro ano em Miami, Catherine conheceu Stuart. Casado, judeu e com dois filhos, era completamente diferente de qualquer outro homem com quem alguma vez tivesse saído. Era um médico de sucesso, forte e agressivo. Verificava-se entre eles uma atracção irresistível, mas o seu relacionamento era agressivo e tempestuoso. Havia qualquer coisa nele que lhe despertava uma paixão intensa e que a dominava, como se fosse vítima de um encantamento. Na altura em que Catherine iniciou a terapia, a sua relação com Stuart já ia no sexto ano e a chama continuava viva, ou até talvez mesmo mais intensa. Catherine não conseguia resistir a Stuart embora este a tratasse incorrectamente, e ao mesmo tempo sentia-se furiosa com as suas mentiras, promessas quebradas e manipulações.

Meses antes da minha consulta Catherine tivera necessidade de cirurgia das cordas vocais por causa de um nódulo benigno. Sentira-se ansiosa antes da cirurgia, mas estava absolutamente aterrorizada quando acordou da anestesia. Passaram-se horas até que as enfermeiras conseguissem acalmá-la. Depois da convalescença no hospital foi procurar o Dr. Edward Pole. Ed era um pediatra de temperamento amável que Catherine conheceu quando trabalhava no hospital. Havia sentido uma afinidade instantânea e tinham desenvolvido uma amizade íntima. Catherine falou abertamente com Edward, contando-lhe tudo o que se passava com os seus medos, com o seu relacionamento com Stuart, e que sentia que estava a perder o domínio sobre a sua vida. Ed insistiu com ela para que marcasse uma consulta comigo e só

comigo, recusando qualquer dos meus colegas psiquiatras. Quando Ed me telefonou a contar-me o que se passara, explicou que, por uma razão que não conseguia entender, estava convencido de que só eu seria capaz de compreender verdadeiramente a Catherine, mesmo considerando que os outros psiquiatras também tinham excelentes credenciais e eram terapeutas altamente especializados. No entanto Catherine não me telefonou.

Passaram-se oito semanas. A azáfama do meu trabalho como Director do Departamento de Psiquiatria fizera-me esquecer a chamada telefónica de Ed. Os medos e fobias de Catherine pioraram. O Dr. Frank Acker, Director da Cirurgia, conheceu acidentalmente Catherine há vários anos e era frequente tagarelarem alegremente quando ele ia ao laboratório onde ela trabalhava. Notara o seu recente aspecto de infelicidade e sentira a sua tensão. Por diversas vezes tentara dizer-lhe qualquer coisa, mas hesitara. Uma certa tarde Frank seguia de carro para um hospital mais pequeno e que ficava afastado, onde ia dar uma conferência. No caminho viu Catherine, de automóvel a caminho de casa, que ficava próxima deste hospital, e impulsivamente fez-lhe sinal para estacionar na berma da estrada. «Quero que vá consultar o Dr. Weiss agora», gritou-lhe através da janela. «Não há desculpas.» Embora fosse habitual os cirurgiões agirem de modo impulsivo, até o próprio Frank se sentia surpreendido pelo modo autoritário como agira.

Os ataques de pânico e de ansiedade de Catherine estavam a aumentar de frequência e de duração. Começou a ter dois pesadelos que se repetiam. Num deles uma ponte desmoronava-se quando passava de automóvel. O carro mergulhava na água que corria em baixo e ela não se conseguia libertar, afogando-se lentamente. No segundo pesadelo estava presa numa sala escura como breu, tropeçando e caindo sobre as coisas, incapaz de encontrar o caminho da saída. Finalmente veio consultar-me.

Na altura da minha primeira sessão com Catherine não fazia a menor ideia de que a minha vida se iria virar do avesso, de que a aterrorizada e confusa mulher que se encontrava do outro lado da secretária viria a ser o agente catalítico, e de que eu nunca mais voltaria a ser o mesmo.

## 2

Passaram-se dezoito meses de psicoterapia intensiva, com Catherine a vir à consulta uma ou duas vezes por semana. Era uma boa paciente, faladora, capaz de expor visões interiores e extremamente desejosa de se curar.

Durante esse período explorámos os seus sentimentos, pensamentos e sonhos. O seu reconhecimento de padrões repetidos de comportamento possibilitou-lhe uma visão interior e compreensão. Recordava muitos mais detalhes significativos do seu passado, tais como as ausências de casa do pai como tripulante de um navio mercante e as suas ocasionais explosões violentas depois de ter bebido demasiado. Compreendia muito melhor a sua relação turbulenta com Stuart, e era capaz de exprimir a irritação de um modo mais apropriado. Senti que naquela altura já deveria ter melhorado muito. Os pacientes melhoram quase sempre quando recordam influências desagradáveis do seu passado, quando aprendem a reconhecer e a



corrigir padrões de comportamento inadaptados e quando desenvolvem uma visão interior que lhes permite analisarem os seus problemas sob uma perspectiva mais ampla e mais independente. Mas Catherine não tinha melhorado.

A ansiedade e os ataques de pânico ainda a torturavam. Continuava a ter os pesadelos atrozés e ainda se sentia aterrorizada com o escuro, com a água e com o receio de poder ser fechada. O sono dela continuava a ser fragmentado e pouco reparador. Sentia palpitações no coração. Continuava a recusar todo e qualquer medicamento, com medo de sufocar com os comprimidos. Tive a sensação de que chegara a um muro e que fizesse aquilo que fizesse este continuaria tão alto que nenhum de nós seria capaz de o ultrapassar. Mas com o meu sentimento de frustração surgiu-me igualmente um sentimento de determinação. Sabia que ia ajudar Catherine, mesmo não tendo uma ideia exacta de como o ia fazer.

E foi então que aconteceu uma coisa estranha. Embora tivesse um medo enorme de voar e tivesse que se fortalecer com diversas bebidas quando se encontrava num avião, Catherine acompanhou Stuart a uma conferência médica em Chicago, na Primavera de 1982. Enquanto aí estavam convenceu-o a irem visitar uma exposição egípcia no Museu de Arte, onde se juntaram a uma visita guiada.

Catherine sempre se interessara por antigos artefactos egípcios e por reproduções de relíquias dessa época. Dificilmente se poderia afirmar que era uma estudiosa, nunca se tendo interessado por esse período da história, mas os artigos pareciam-lhe de certo modo familiares.

Quando o guia começou a descrever alguns dos artefactos que se encontravam na exposição, deu por si a corrigi-lo... e tinha razão! O guia estava surpreendido; Catherine estava estupefacta. Como é que ela sabia todas aquelas coisas? Por que e que ela sentia de uma forma tão intensa que tinha razão, por que é que se sentia tão segura de si, a ponto de ter corrigido o guia em público? Talvez as recordações da sua infância tivessem sido esquecidas.

Na consulta seguinte contou-me o que se passara. Meses antes sugerira a Catherine um tratamento por hipnose, mas ela tivera medo e resistira. Desta vez, e depois da experiência na exposição egípcia, concordou com relutância.

A hipnose constitui uma ferramenta excelente para ajudar um paciente a recordar incidentes há muito esquecidos. Não existe nada de misterioso a seu respeito. Trata-se apenas de um estado de concentração focada. Sob as instruções de um hipnotizador com experiência, o corpo do paciente descontrai-se, o que permite que a memória se avive. já hipnotizei centenas de pacientes e sempre considereei esta técnica de grande ajuda para reduzir a ansiedade, eliminar fobias, mudar maus hábitos e ajudar a recordar assuntos recalçados. Por vezes tenho tido sucesso em fazer retroceder pacientes à sua primeira infância, mesmo a alturas em que tinham apenas dois ou três anos, conseguindo assim descobrir memórias de traumas há muito esquecidos que estavam a destruir as suas vidas. Tinha confiança em que a hipnose podia ajudar Catherine.

Pedi a Catherine que se deitasse no sofá, com os olhos semicerrados e a cabeça apoiada numa pequena almofada. Inicialmente concentrámo-nos na sua respiração. Em cada expiração libertava a tensão e a ansiedade que tinha armazenadas; com cada inalação descontraiam-se ainda mais. Ao fim de alguns minutos deste procedimento disse-lhe para visualizar os seus músculos a descontraírem-se progressivamente,

começando pelos músculos do rosto e do maxilar, em seguida o pescoço e os ombros, os braços, costas e músculos do estômago, e finalmente as pernas. Sentia todo o corpo a afundar-se cada vez mais no sofá.

Em seguida dei-lhe instruções para visualizar uma luz branca brilhante no cimo da cabeça, dentro do corpo. Mais tarde, depois de ter conseguido que a luz se difundisse lentamente por todo o corpo, descontraíu completamente todos os músculos, todos os nervos, todos os órgãos - o corpo inteiro - levando-a a um estado cada vez mais profundo de descontração e de paz. Sentia-se gradualmente mais e mais sonolenta, cada vez mais calma e em paz à medida que o tempo decorria. De vez em quando, e segundo as minhas instruções, a luz além de lhe preencher o corpo também a envolvia.

Contei lentamente em sentido inverso, de dez para um. A cada número entrava num estado de descontração ainda mais profundo. O seu estado de transe tornou-se mais intenso. Era capaz de se concentrar na minha voz e excluir todos os ruídos do ambiente em que nos encontrávamos. Quando cheguei a um, encontrava-se num estado de hipnose moderadamente profundo. O procedimento completo durara cerca de vinte minutos.

Depois de algum tempo comecei a fazer a regressão, pedindo-lhe para recordar factos de épocas cada vez mais distantes.

Era capaz de falar e de responder às minhas perguntas enquanto se mantinha num profundo estado de hipnose. Recordava-se de uma experiência traumática no dentista, que tivera com a idade de seis anos. Recordava-se nitidamente de uma experiência aterradora com a idade de cinco anos quando fora empurrada de uma prancha para a piscina. Nessa altura engasgara-se e sufocara, tendo engolido alguma água, e enquanto falava a esse respeito começou a engasgar-se no meu consultório. Recordei-lhe que a experiência já passara, que não se encontrava dentro de água. A sensação de asfixia passou e continuou com uma respiração normal. Permanecia ainda num transe profundo.

Com três anos ocorrera o pior de todos os acontecimentos. Recordou-se de ter acordado no quarto às escuras e de ter consciência de que o pai se encontrava no quarto. Nessa altura tresandava a álcool e agora durante a sessão voltava a sentir o cheiro. Tocou-lhe e afagou-a, mesmo «em baixo». Ela estava aterrorizada e começou a chorar, o que fez com que ele lhe tapasse a boca com a mão áspera. Não conseguia respirar. No meu consultório, no sofá, vinte e cinco anos depois, Catherine começou a soluçar. Fiquei convencido de que agora tínhamos conseguido a informação, a chave que permitia desvendar o mistério. Tinha a certeza de que o seu estado iria melhorar rapidamente e de uma forma notável. Recordei-lhe suavemente que a experiência terminara, que já não estava no quarto, mas a repousar calmamente, ainda em transe. Os soluços terminaram. Fiz com que ela se deslocasse no tempo até à sua idade actual. Despertei-a depois de lhe ter dado instruções pós-hipnóticas para recordar tudo aquilo que me dissera. Passámos o resto da sessão a discutir a súbita recordação nítida que ela tivera do trauma a respeito do incidente ocorrido com o pai. Tentei ajudá-la a aceitar e a integrar o seu «novo» conhecimento. Compreendia agora o seu relacionamento com o pai, as reacções que ele tinha para com ela, a sua reserva, e o medo que ela tinha dele.

Ainda tremia quando saiu do consultório, mas eu tinha a certeza de que a compreensão que ela adquirira compensava o desconforto momentâneo.

Absorvido pelo drama de descobrir as suas dolorosas recordações profundamente recalçadas, esquecera-me completamente de analisar uma possível ligação de infância com o conhecimento dos artefactos egípcios. Mas pelo menos começava a compreender melhor o seu passado. Recordara diversos acontecimentos aterradores e pela minha parte esperava uma melhoria significativa dos seus sintomas.

Apesar desta nova compreensão, na semana seguinte informou-me de que os seus sintomas permaneciam intactos, tão graves como anteriormente. Fiquei surpreendido, não conseguindo compreender o que é que estava errado. Seria possível que tivesse acontecido alguma coisa antes dos três anos? Havíamos descoberto razões mais do que suficientes para justificarem o seu medo de sufocar, da água, do escuro, de ficar fechada, e mesmo assim os medos e sintomas agudos e a ansiedade incontrolável continuavam a devastar os seus períodos de vigília. Os seus pesadelos eram tão aterradores como antes. Decidi fazer uma regressão levando-a mais atrás.

Enquanto estava hipnotizada, Catherine falava num murmúrio lento e pausado. Foi assim que pude escrever aquilo que ela dizia palavra por palavra e citei Catherine directamente. (Os pontos representam pausas no seu discurso e não eliminação de palavras nem qualquer apresentação especial da minha parte. No entanto não incluo parte do material, nos casos em que este se torna repetitivo.)

Lentamente, reconduzi Catherine à idade dos dois anos, mas esta não se recordava de nada que fosse significativo. Dei-lhe instruções firmes e claras: «Regresse ao tempo onde têm origem os seus sintomas.» Não estava de modo nenhum preparado para o que surgiu a seguir.

«Vejo degraus brancos que conduzem a um edifício, um grande edifício branco com pilares, aberto na frente. Não há portas, eu uso um vestido comprido... um vestido solto feito de um material grosseiro. Uso tranças e o meu cabelo é comprido e louro.»

Sentia-me confuso. Não tinha a certeza do que estava a acontecer. Perguntei-lhe em que ano estava, como é que se chamava. «Aronda... Tenho dezoito anos. Vejo um mercado diante do edifício. Há cestos... Carregam-se os cestos ao ombro. Vivemos num vale... Não há água. O ano é o de 1863 a.C. A zona é árida, quente e arenosa. Há um poço, não existem rios. A água chega ao vale vinda das montanhas.»

Depois de me ter relatado mais detalhes topográficos digo-lhe para avançar no tempo mais alguns anos e para me contar o que viu.

«Há árvores e uma estrada em lajes de pedra. Vejo uma fogueira onde estão a cozinhar. O meu cabelo é louro. Uso um vestido castanho comprido, de tecido grosseiro, e sandálias. Tenho vinte e cinco anos. Tenho uma filha que se chama Cleastra... Ela é a Raquel. [No tempo actual Raquel é a sua sobrinha; sempre tiveram um relacionamento muito chegado.] Está muito calor.»

Sentia-me alarmado. Tinha um nó no estômago e o gabinete parecia gelado. As suas visualizações e evocações pareciam absolutamente precisas. Não aparentava de modo nenhum que estivesse a fazer tentativas. Nomes, datas,

vestuário, árvores - tudo visto com tanta nitidez! O que é que se estava a passar? Como é que a criança que na altura era sua filha podia agora ser sua sobrinha? Cada vez me sentia mais confuso. Já examinara milhares de pacientes psiquiátricos, muitos deles sob hipnose, e nunca me acontecera antes deparar com fantasias como esta - nem mesmo em sonhos. Dei-lhe instruções para avançar no tempo até à sua morte. Não me sentia seguro a respeito das perguntas que poderia fazer a alguém no meio de uma fantasia tão explícita (ou recordação?), mas procurava encontrar acontecimentos traumáticos que pudessem estar subjacentes a medos ou sintomas actuais. Os acontecimentos na altura da morte podiam ser especialmente traumáticos. Aparentemente uma inundação ou uma maré gigantesca estava a devastar a aldeia.

«Há ondas gigantescas que derrubam as árvores. Não existe qualquer lugar para onde se possa fugir. Está frio; a água está gelada. Tenho que salvar a minha bebé, mas não consigo... a única coisa que consigo fazer é apertá-la muito contra mim; a água sufoca-me. Não consigo respirar, não consigo engolir... água salgada. A minha bebé é-me arrancada dos braços.» Catherine arfava, tendo dificuldade em respirar. De repente o seu corpo descontraíu-se completamente e a respiração tornou-se profunda e regular.

«Vejo nuvens... A minha bebé está comigo. E outras pessoas da minha aldeia. Vejo o meu irmão.»

Estava a descansar; esta vida terrena tinha terminado. Ainda se encontrava num transe profundo. Sentia-me espantado! Vidas anteriores? Reencarnação? A minha mente clínica disse-me que ela não estava a fantasiar sobre este assunto, que não estava a representar. Os seus pensamentos, as suas expressões, a atenção dada a detalhes particulares, tudo era absolutamente diferente do seu estado consciente. Surgiu-me na mente uma gama completa de todos os diagnósticos psiquiátricos possíveis, mas o seu estado psiquiátrico e a sua estrutura de carácter não conseguiam explicar estas revelações. Esquizofrenia? Não, nunca apresentara qualquer sintoma de uma desordem cognitiva ou de pensamento. Nunca experimentara quaisquer alucinações auditivas em que ouvisse vozes, alucinações visuais ou visões no estado de vigília, ou qualquer outro tipo de episódios psicóticos. Não sofria de alucinações nem se encontrava ausente da realidade. Não apresentava personalidades múltiplas ou desdobradas. Havia apenas uma Catherine e a sua mente consciente tinha um conhecimento perfeito disso. Não apresentava quaisquer tendências sociopáticas ou anti-sociais. Não era uma actriz. Não consumia drogas nem ingeria substâncias alucinogénias. O seu uso de álcool era mínimo. Não tinha qualquer doença neurológica ou psicológica que pudesse explicar esta experiência nítida e imediata, enquanto se encontrava hipnotizada.

Tratava-se de um certo tipo de memórias, mas de onde? Sentia intimamente que tropeçara em qualquer coisa a respeito da qual sabia muito pouco - Reencarnação e recordações de vidas passadas. Não era possível, disse a mim próprio; a minha mente treinada cientificamente opunha-se a uma situação destas. E,

no entanto, ali estava tudo a acontecer diante dos meus olhos. Não conseguia explicá-lo, mas também não era capaz de negar a realidade do que acontecia.

«Continue» disse-lhe eu, um pouco amedrontado, mas ao mesmo tempo fascinado com o que estava a acontecer. «Lembra-se de mais alguma coisa?» Recordava-se de fragmentos de outras duas vidas.

«Tenho um vestido de renda negra e também uso renda negra na cabeça. Tenho cabelo escuro, já grisalho. Vivo no ano de 1756. [d.C.] Sou espanhola. Chamo-me Louisa e tenho cinquenta e seis anos. Estou a dançar; mas também há mais pessoas a dançarem. [Pausa longa.] Estou doente; tenho febre, suores frios... Há muitas pessoas doentes; há gente que está a morrer:.. Os médicos não sabem que o problema é da água.» Fiz com que avançasse no tempo. «Estou a recuperar mas ainda me dói a cabeça; os olhos e a cabeça ainda me doem da febre, da água... Muitos morreram.»

Chegou a dizer-me, mais tarde, que nessa vida fora uma prostituta, mas que não dera essa informação porque se sentia envergonhada com a situação. Aparentemente, e mesmo hipnotizada, Catherine podia censurar as informações que me ia transmitindo.

Uma vez que Catherine reconhecera a sobrinha numa outra vida, perguntei-lhe impulsivamente se eu me encontrava presente em alguma das suas outras vidas. Sentia-me curioso a respeito do meu papel nas suas recordações, se de facto chegara a ter algum. Respondeu rapidamente, o que contrastava com o discurso anterior, muito lento e ponderado.

«E o meu professor, e está sentado num banco. Ensina-nos a partir de livros. É um homem de idade com cabelos grisalhos. Usa uma veste branca [toga] com uma bordadura dourada... O seu nome é Diógenes. Ensina-nos símbolos, triângulos. É muito sábio, mas não consigo compreender. Estamos no ano de 1568 a.C.» (Isto terá acontecido cerca de 1200 anos antes da época do notável filósofo cínico grego Diógenes. O nome não era invulgar.)

A primeira sessão terminara. Mas estavam para vir outras ainda mais espantosas.

Depois de Catherine ter saído, e durante os dias seguintes, ponderei os detalhes da regressão hipnótica. Era natural que eu reflectisse a este respeito. Era praticamente impossível que os pormenores que emergiam de uma hora de terapia mesmo «normal» escapassem à minha obsessiva análise mental, e esta sessão dificilmente poderia ser considerada como «normal». Além disso, sentia-me muito céptico a respeito da vida depois da morte, reencarnação, experiências extracorporais e fenómenos análogos. Afinal de contas a minha parte lógica ruminava, dizendo-me que tudo isto talvez não passasse de uma simples fantasia. De facto, não tinha a menor possibilidade de comprovar qualquer das suas afirmações ou visualizações. Mas também tinha consciência, embora de uma forma muito mais ténue, de um pensamento posterior muito menos emocional. Mantém a mente aberta, dizia-me o pensamento; a verdadeira ciência começa com a observação. As suas «memórias» talvez não sejam fantasia ou imaginação. Poderá haver mais qualquer coisa do que chamar a atenção única e exclusivamente. Mantém uma mente aberta. Obtém mais elementos.

Tive um outro pensamento incómodo. Estaria Catherine, tão dada a ansiedades e medos, na disposição de se submeter a uma nova sessão de hipnotismo? Decidi

não lhe telefonar. Aliás, o melhor era deixá-la também digerir a experiência. Pela minha parte iria esperar até à semana seguinte.

### 3

Uma semana mais tarde, Catherine entrou ruidosamente no meu consultório para uma nova sessão de hipnose. Linda antes de mais, estava mais radiante do que nunca. Anunciou alegremente que o medo de se afogar que sentira durante toda a sua vida tinha desaparecido. Os seus medos de sufocar tinham de certo modo diminuído. O seu sono deixara de ser interrompido pelo pesadelo de uma ponte que se desmoronava. Embora se lembrasse dos detalhes da sua evocação de vidas passadas, ainda não conseguira assimilar completamente tudo aquilo que acontecera.

Os conceitos de vidas passadas e de reencarnação eram estranhos à sua cosmologia, e no entanto as suas recordações eram tão intensas, as visões, sons e odores tão nítidos, o conhecimento de que se encontrava ali tão poderoso e imediato, que sentia que realmente *devia* ter estado ali. Não tinha qualquer dúvida a este respeito; a experiência era absolutamente esmagadora. E no entanto sentia-se preocupada com o modo como tudo isto poderia encaixar na sua educação e nas suas crenças.

Durante a semana estivera a rever o meu manual de um curso de religiões comparadas, que frequentara durante o ano de caloiro na Universidade de Columbia. De facto encontrei referências à reencarnação tanto no *Antigo* como no *Novo Testamento*. Em 325 d.C., o imperador romano Constantino, o Grande, juntamente com a sua mãe, Helena, mandou eliminar as referências à reencarnação que estavam contidas no *Novo Testamento*. O Segundo Concílio de Constantinopla, realizado em 553 d.C., confirmou esta atitude e considerou o conceito de reencarnação como uma heresia. Segundo parece, pensou-se que este conceito iria enfraquecer o poder crescente da Igreja, dando aos seres humanos demasiado tempo para buscarem a sua salvação. E, no entanto, as referências originais tinham existido; os primeiros padres da Igreja *tinham* aceite o conceito de reencarnação. Os gnósticos primitivos - Clemente de Alexandria, Orígenes, S. Jerónimo, e muitos outros - acreditavam que já tinham vivido antes e que voltariam a viver.

No entanto, e pelo que me dizia respeito, nunca acreditara na reencarnação. Na realidade, nunca desperdiçara muito tempo a pensar nisso. Embora a educação religiosa dos primeiros tempos da minha vida me tivesse ensinado vagamente sobre a existência da «alma» depois da morte, não estava convencido da veracidade deste conceito.

Era o mais velho de quatro irmãos, todos nascidos com um intervalo de três anos. Pertencíamos a uma sinagoga judaica conservadora de Red Bank, uma pequena cidade próxima da costa de New Jersey. Na minha família tinha as funções de apaziguador e de diplomata. O meu pai encontrava-se mais envolvido com os assuntos da religião do que qualquer dos outros membros da família. Encarava a religião muito a sério, como aliás o fazia em relação a todos os outros assuntos da vida. Os sucessos escolares dos seus filhos eram para ele as suas maiores alegrias. Ficava facilmente perturbado por qualquer discórdia no lar, e retirava-se de imediato

deixando-me a mim o papel de medianeiro. Embora esta situação viesse a ser um excelente treino preparatório para uma carreira em psiquiatria, analisando tudo aquilo que se passou poderia dizer-se que a minha infância foi mais pesada e mais cheia de responsabilidades do que aquilo de que eu teria gostado. Saí dela como um jovem muito circunspecto, alguém que estava habituado a assumir uma dose muito grande de responsabilidade.

A minha mãe passava o tempo a manifestar o seu amor. Não existiam limites capazes de a deter. Sendo uma pessoa mais simples do que o meu pai, servia-se de sentimentos de culpa, de martírio, de dificuldades extremas e de identificação como sacrificada, como ferramentas para manipular os filhos, tudo isto de uma forma natural e sem segundas intenções. Apesar de tudo, raras vezes se mostrava triste e podíamos contar sempre com o seu amor e apoio.

O meu pai tinha um bom emprego como fotógrafo industrial, e embora a comida fosse sempre abundante, o dinheiro era muito escasso. O meu irmão mais novo, Peter, nasceu quando eu tinha nove anos. Era preciso distribuir seis pessoas pelo nosso pequeno apartamento térreo com dois quartos apenas.

A vida neste pequeno apartamento era agitada e ruidosa e eu procurava refúgio nos meus livros. Passava o tempo a ler salvo quando ia jogar *baseball* ou *basketball*, as minhas outras duas paixões de infância. Sabia que a educação era a única via que seria capaz de me conduzir para fora da pequena cidade, por muito agradável que ela fosse, e era sempre o primeiro ou segundo da minha turma.

Na altura em que recebi uma bolsa escolar para a Universidade de Columbia era um jovem circunspecto e estudioso. Os sucessos académicos continuavam a surgir facilmente. Especializei-me em Química e licenciiei-me com louvor. Decidi escolher a Psiquiatria porque era um campo onde se combinava o meu interesse pela ciência e o fascínio que sentia por tudo aquilo que se passava na mente humana. Além disso, uma carreira em Medicina ia permitir-me exprimir a minha preocupação e compaixão pelas outras pessoas. Entretanto conheci Carole durante umas férias de Verão num hotel das Montanhas Catskill, onde eu trabalhava como empregado e ela era uma das hóspedes. Sentimos os dois uma imediata atracção um pelo outro e uma forte sensação de familiaridade e de bem-estar. Trocámos correspondência, saímos os dois, apaixonámo-nos, e ficámos noivos na altura em que eu frequentava o primeiro ano em Columbia. Ela era brilhante para além de ser bonita. Parecia que tudo se ajustava. Poucos jovens se preocupam com a vida e a morte e a vida depois da morte, especialmente quando as coisas correm sem problemas, e eu não era nenhuma excepção. Tornava-me lentamente num cientista, aprendendo a pensar em termos lógicos, desapaixonados, do género experimentar para provar.

Mais tarde, os anos da escola médica e de residente na Universidade de Yale vieram a cristalizar este método científico. A minha tese de investigação foi sobre a química do cérebro e o papel dos neurotransmissores, que são mensageiros químicos do tecido cerebral.

Passei a fazer parte da nova geração de psiquiatras biólogos, onde se fundiam as teorias e técnicas tradicionais com a nova ciência da química do cérebro. Escrevi muitos artigos científicos, tomei parte em conferências locais e nacionais e adquiri um nome importante dentro da minha área.

Tornara-me obsessivo, enérgico e inflexível, o que afinal de contas são características úteis para um médico. Sentia-me absolutamente preparado para tratar de qualquer pessoa que entrasse no meu consultório em busca de cura.

Foi nessa altura que Catherine se transformou em Aronda, uma jovem que vivera no ano 1863 a.C. Ou seria o contrário? E aqui estava ela de novo, mais feliz do que alguma vez a vira.

Senti-me mais uma vez preocupado, receando que Catherine tivesse medo de continuar. No entanto, preparou-se avidamente para a hipnose e entrou rapidamente em transe.

«Estou a atirar à água coroas de flores. É uma cerimónia. O meu cabelo é louro e está penteado em tranças. Uso um vestido castanho com enfeites dourados e sandálias. Houve alguém que morreu, alguém da Casa Real... a mãe. Sou uma serva da Casa Real, e trabalho com os mortos. Colocamos os corpos em água salgada durante trinta dias. Secam e os órgãos são retirados. Sinto o cheiro, o cheiro de cadáveres.»

Regressara espontaneamente ao tempo da vida de Aronda, mas a uma altura diferente, quando o seu trabalho era o de preparar os corpos depois da morte.»

«Num edifício separado», continuou Catherine, «vejo os corpos. Estamos a enrolar os cadáveres em ligaduras. A alma segue o seu caminho. Levam-se as coisas que nos pertencem,

para estarmos preparados para a vida seguinte, mais importante.» Referia-se àquilo que parecia ser um conceito egípcio da morte e da vida depois da morte, diferente de qualquer das nossas crenças. Naquela religião uma pessoa podia levar o que quisesse com ela.

Deixou aquela vida e descansou. Fez uma pausa durante alguns minutos antes de entrar numa época aparentemente muito distante.

«Vejo gelo, pendente numa caverna... rochas...» Descreveu de uma forma vaga um lugar escuro e miserável e agora era visível que se sentia desconfortável. Descreveu mais tarde aquilo que vira a seu respeito. «Eu era feia, estava suja e cheirava mal.» Partiu para uma outra época.

«Vejo algumas construções e uma carroça com rodas de pedra. O meu cabelo é castanho e tenho um lenço na cabeça. A carroça está cheia de palha. Sinto-me feliz. O meu pai está ali... Está a abraçar-me. É... é Edward [o pediatra que insistiu com ela para que me viesse consultar]. É o meu pai. Vivemos num vale cheio de árvores. No pátio temos oliveiras e figueiras. Há pessoas que escrevem em papéis. Vejo sinais engraçados nos papéis que se parecem com letras. As pessoas escrevem durante todo o dia, fazendo uma biblioteca. Estamos no ano de 1536 a.C. A terra é árida. O nome do meu pai é Perseu.»

O ano não encaixava exactamente, mas eu tinha a certeza de que ela se encontrava na mesma vida de que falara na sessão da semana anterior. Fiz com que ela avançasse no tempo, mantendo-se nessa vida.

«O meu pai conhece-o [referia-se a mim]. Os dois falam de colheitas, de leis e de governo. Diz que é muito inteligente e que devo escutar os seus conselhos.» Faço com que ela avance mais uma vez no tempo. «Está deitado [o pai] num quarto sombrio. É velho e está doente. Sinto frio... Sinto-me tão vazia.» Continuou até à sua morte. «Agora sinto-me velha e fraca. A minha filha está aqui junto da minha cama.



O meu marido já morreu. O marido da minha filha está aqui, juntamente com os filhos. Há muitas pessoas à minha volta.»

Desta vez a sua morte foi tranquila. Estava a flutuar. A flutuar? Isto fez-me recordar os estudos do Dr. Raymond Moody sobre vítimas de experiências de quase morte. Os seus pacientes também se recordavam de flutuar e em seguida serem puxados de novo para os seus corpos. Lera o seu livro alguns anos antes e fazia agora uma anotação mental para voltar a lê-lo. Perguntei a mim mesmo se Catherine seria capaz de se lembrar de mais alguma coisa depois da sua morte, mas só conseguia dizer «Sinto-me a flutuar.» Despertei-a e terminei aquela sessão.

Com uma nova e insaciável sede de quaisquer artigos científicos que tivessem sido escritos sobre a reencarnação, fiz uma busca minuciosa das bibliotecas médicas. Estudei os trabalhos do médico Ian Stevenson, um Professor de Psiquiatria da Universidade de Virgínia que era muito respeitado, com abundantes publicações em termos de literatura psiquiátrica. O Dr. Stevenson reuniu mais de dois mil relatos de memórias e experiências de crianças, do tipo reencarnação. Muitas delas demonstravam possuírem uma capacidade de falarem uma língua estrangeira que nunca tinham praticado ou estudado. Os relatos dos seus casos são cuidadosamente completos, bem investigados e verdadeiramente notáveis.

Li um excelente estudo genérico da autoria de Edgar Mitchell. Examinei com grande interesse os dados de PES<sup>3</sup> da Universidade de Duke, e os escritos do Professor C. J. Ducasse da Universidade de Brown, e analisei com o maior interesse os estudos do Dr. Martin Ebon, da Dra. Helen Wambach, da Dra. Gertrude Schmeidler, do Dr. Frederick Lenz e da Dra. Edith Fiore. Quanto mais lia a este respeito, mais vontade sentia de ler. Lentamente comecei a convencer-me de que, embora me considerasse com uma boa preparação sobre qualquer dos aspectos da mente, a minha educação fora muito limitada. Há bibliotecas repletas deste tipo de investigação e literatura e poucas pessoas têm conhecimento disso. Muita desta investigação foi conduzida, verificada, e duplicada por clínicos e cientistas de grande nome. Seria possível que estivessem todos errados ou iludidos? As provas pareciam fornecer um suporte indiscutível, e no entanto eu ainda tinha dúvidas. Indiscutível ou não, pela minha parte ainda sentia dificuldade em acreditar.

Tanto Catherine como eu, cada um à sua maneira, tínhamos sido profundamente afectados pela experiência. Catherine melhorava a olhos vistos sob o ponto de vista emocional e eu conseguia expandir os horizontes da minha mente. Catherine fora atormentada pelos seus medos durante muitos anos e finalmente começava agora a sentir algum alívio. Quer se tratasse de recordações reais ou de nítidas fantasias, encontrara um meio de a ajudar e não era agora que ia desistir.

Pensei em tudo isto por breves momentos enquanto Catherine se afundava num estado de transe no início da sessão seguinte. Antes da entrada no estado hipnótico contara-me um sonho que tivera sobre um jogo realizado nuns velhos degraus de pedra, um jogo em que se usava um tabuleiro com orifícios. O sonho parecera-lhe extraordinariamente real. Nessa altura digo-lhe para regressar para lá dos limites normais de espaço e tempo, para regressar e tentar ver se o seu sonho tem raízes numa anterior reencarnação.

---

<sup>3</sup> PES - Percepção Extra-Sensorial

«Vejo degraus que conduzem a uma torre... que dá para a montanha mas também para o mar. Sou um rapaz... Tenho cabelo louro... um cabelo invulgar. As minhas roupas são curtas, em castanho e branco, feitas de peles de animais. Há alguns homens no cimo da torre, a observar... sentinelas. Estão sujos. Jogam um jogo, como as damas, que no entanto é diferente. O tabuleiro é redondo em vez de ser quadrado. Jogam com peças pontiagudas parecidas com adagas, que encaixam nos orifícios. Cada uma das peças tem esculpida no topo uma cabeça de animal. Território Kirustan [transcrição fonética]? Nos Países Baixos, por volta do ano de 1473.»

Perguntei-lhe o nome da localidade onde vivia e se conseguia ver ou ouvir um ano. «Estou agora num porto de mar; a terra desce na direcção do mar. Há uma fortaleza... e água. Vejo uma cabana... a minha mãe a cozinhar num pote de barro. O meu nome é Johan.»

Foi progredindo até à sua morte. Neste ponto das nossas sessões ainda procurava descobrir o simples acontecimento traumático avassalador que pudesse ter causado ou explicar os sintomas da sua vida actual. Mesmo que essas visualizações notavelmente explícitas fossem fantasias, e não estava muito seguro a este respeito, aquilo em que ela acreditava ou pensava continuava a poder justificar os seus sintomas. Afinal de contas, já vira muita gente traumatizada pelos seus sonhos. Havia quem não fosse capaz de ter a certeza se um determinado trauma de infância acontecera realmente ou se passara apenas em sonhos, mas de qualquer modo a recordação desse trauma continuava a persegui-los na sua vida de adultos.

Aquilo que ainda não fora capaz de apreciar na sua globalidade era o facto de que uma firme influência quase contínua de factores subjectivos, tais como as críticas mordazes dos pais, poder causar traumas psicológicos ainda mais importantes do que um simples acontecimento traumático. Estas influências prejudiciais, por se diluírem no ambiente básico das nossas vidas, são ainda mais difíceis de recordar e de exorcizar. Uma criança que é criticada constantemente pode perder tanta confiança e auto-estima como aquela que recorda a humilhação que sofreu num determinado dia que para ela foi horrível. Uma criança cuja família empobreceu e que tem muito pouca comida no seu dia a dia pode eventualmente sofrer problemas psicológicos análogos aos de uma criança que experimentou um episódio importante de quase inanição accidental. Iria verificar dentro em breve que a influência de forças negativas quase que sistemática deve ser reconhecida e resolvida com tanto cuidado como aquele que se torna necessário no caso de acontecimentos traumáticos ocasionais de grande intensidade.

Catherine começou a falar.

«Há barcos que parecem canoas, pintadas de cores brilhantes. Área de Providence. Temos armas, lanças, fundas, arcos e flechas, mas maiores do que o habitual. No barco há remos enormes, de formato estranho... toda a gente tem que remar. É possível que nos tenhamos perdido; está escuro. Não se vê uma única luz. Tenho medo. Conosco seguem outros barcos [aparentemente trata-se de uma incursão bélica]. Tenho medo dos animais. Dormimos em cima de peles de animais, sujas e que cheiram horrivelmente. Estamos a fazer um reconhecimento. Os meus sapatos são engraçados, parecem sacos... atados nos tornozelos... feitos de peles de

animais. [Uma longa pausa.] Sinto o meu rosto muito quente por causa das chamas. A minha gente está a matar os outros, mas eu não. Tenho a minha faca na mão.»

De repente começa a gorgolejar e arquejar. Relata que um combatente inimigo a agarrou pelas costas, colocando-lhe um braço em volta do pescoço, e que lhe cortou a garganta. Viu o rosto do seu assassino antes de morrer. Era Stuart. Parecia diferente naquela altura, mas ela sabia que era ele. Johan morreu com vinte e um anos.

Em seguida encontrou-se a flutuar acima do seu corpo, observando a cena em baixo. Subiu até às nuvens, sentindo-se perplexa e confusa. Pouco depois sentiu que era puxada para um «minúsculo espaço acolhedor». Estava em vias de nascer de novo.

«Há alguém que me segura nos braços», murmurou lentamente e com um modo sonhador, «alguém que ajudou o nascimento. Usa uma bata verde com um avental branco. Tem uma touca branca, dobrada para trás nos cantos. A sala tem janelas esquisitas... com muitas secções. O edifício é em pedra. A minha mãe tem cabelos escuros, muito compridos. Quer pegar em mim. A camisa de noite da minha mãe é estranha... muito áspera. Faz doer ao roçar no tecido. Sabe bem estar ao sol e estar quente de novo... E... é a mesma mãe que tenho agora! »

Durante a sessão anterior tinha-lhe dado instruções para observar atentamente as pessoas com interesse em cada uma dessas vidas, procurando identificá-las como pessoas significativas na sua vida actual como Catherine. De acordo com a opinião da maioria dos autores, há grupos de almas que tendem a reencarnar em conjunto repetidas vezes, cumprindo o seu karma (dívidas para com os outros e para consigo, lições a serem aprendidas) ao longo do período de muitas vidas.

Na minha tentativa de compreender este estranho e espectacular drama que se estava a desenrolar no meu tranquilo consultório de luzes difusas, drama que era desconhecido para o resto do mundo, precisava de verificar esta informação. Senti necessidade de aplicar o método científico, que usara rigorosamente nas minhas investigações durante os últimos quinze anos, para conseguir avaliar este material absolutamente fora de normal que estava a obter dos lábios de Catherine.

De sessão para sessão Catherine estava a tornar-se cada vez mais psíquica. Tinha intuições sobre pessoas e acontecimentos que mais tarde se vinha a provar serem verdadeiras. Durante a hipnose, começara a antecipar-se às minhas perguntas, antes de eu ter a oportunidade de as fazer. A maior parte dos seus sonhos apresentavam uma tendência precognitiva ou de presságio.

Numa determinada altura em que os pais a vieram visitar, o pai exprimiu dúvidas muito sérias sobre tudo aquilo que se estava a passar. Para lhe provar que era verdade, Catherine levou-o às corridas. E foi aí que, para sua grande admiração, ela indicou antecipadamente o vencedor de cada uma das corridas. O pai estava absolutamente espantado. Quando ela verificou que conseguira provar o seu ponto de vista, juntou todo o dinheiro que ganhara nas apostas e deu-o ao primeiro mendigo que encontrou à saída das corridas. Sabia intuitivamente que os novos poderes espirituais que adquirira não deviam ser usados para obtenção de recompensas financeiras. Para ela tinham um significado muito mais elevado. Confessou-me que toda esta experiência lhe causava um certo receio, mas sentia-se tão contente com os progressos que fizera que estava ansiosa por continuar com as

regressões. Pela minha parte sentia-me simultaneamente chocado e fascinado com as suas capacidades psíquicas, com uma menção especial para o caso das corridas. Tratava-se de uma prova tangível. Tinha o bilhete vencedor para cada uma das corridas. Não se tratava de qualquer coincidência. Algo de muito estranho se estava a passar nestas últimas semanas e esforcei-me por conservar a minha perspectiva. Não podia de modo nenhum negar as suas capacidades psíquicas. E se essas capacidades eram reais e capazes de produzirem provas tangíveis, não seria também possível que as suas descrições de acontecimentos de vidas passadas também fossem verídicos?

Regressava agora à vida em que acabara de nascer. Esta encarnação parecia ser mais recente, mas não conseguia identificar o ano. O nome dela era Elizabeth.

«Agora já sou mais velha, tenho um irmão e duas irmãs. Vejo a mesa da sala de jantar... O meu pai também está presente... é Edward [o pediatra, de regresso a desempenhar mais uma vez o papel de pai dela]. O meu pai e a minha mãe estão a discutir novamente. Para comer temos batatas e feijões. Ele está furioso porque a comida está fria. Discutem durante muito tempo. Passa a vida a beber... Bate na minha mãe. [A voz de Catherine evidencia medo, e treme visivelmente.] Empurra as crianças. Não é como da outra vez, não é a mesma pessoa. Não gosto dele Quem me dera que se fosse embora.» Falava numa voz de criança.

As minhas perguntas durante estas sessões eram evidentemente muito diferentes das que utilizava normalmente em psicoterapia convencional. No caso de Catherine agia mais como um guia, tentando rever toda uma vida numa ou duas horas, procurando acontecimentos traumáticos e padrões prejudiciais que pudessem explicar os seus sintomas actuais. A terapia convencional é conduzida a um ritmo muito mais pormenorizado e calmo. Cada uma das palavras escolhidas pelo paciente é analisada em busca de intenções e significados ocultos. Cada gesto facial, cada movimento corporal, cada inflexão da voz é considerada e avaliada. Cada reacção emocional é cuidadosamente investigada. Os padrões de comportamento são meticulosamente reunidos. No entanto, no caso de Catherine, os anos podiam escoar-se em minutos. As sessões com Catherine eram como conduzir nas 500 milhas de Indianápolis a acelerar ao máximo... tentando ao mesmo tempo identificar rostos na multidão.

Voltei a prestar atenção a Catherine e pedi-lhe para avançar no tempo.

«Agora estou casada. A nossa casa tem um quarto grande. O meu marido tem cabelos louros. Não o conheço. [Ou seja, não apareceu a Catherine na sua vida presente.] Ainda não temos filhos... É muito gentil para comigo. Amamo-nos e somos felizes.» Aparentemente conseguira escapar-se da opressão na casa dos pais. Perguntei-lhe se conseguia identificar a área onde viviam.

«Brennington?» murmurou Catherine num tom hesitante. «Vejo livros com velhas capas engraçadas. O maior deles fecha com uma tira de couro. É a *Bíblia*. As letras são grandes e elegantes... a língua é o gaélico.»

Nesta altura pronunciou algumas palavras que não consegui identificar. Se eram em gaélico ou não, não faço a menor ideia. «Vivemos no interior, não estamos perto do mar. Condado... Brennington? Vejo uma quinta com porcos e cordeiros. E a nossa quinta.» Avançou no tempo. «Temos dois rapazes... O mais velho vai casar-se. Vejo a torre da igreja... um edifício muito antigo em pedra.» De repente magoa-se na

cabeça e Catherine sente dores, ao mesmo tempo que põe a mão na têmpora esquerda. Contou que escorregara nos degraus de pedra, mas que já se recomposera. Morreu em casa, com uma idade muito avançada, na sua cama e com a família toda à volta.

Depois da sua morte sentiu-se mais uma vez a flutuar acima do corpo, mas desta vez não se sentia perplexa ou confusa. «Tenho consciência de uma luz brilhante. E maravilhosa; recebe-se energia desta luz.» Estava a descansar depois da morte num intervalo entre duas vidas. Passaram-se alguns minutos em silêncio. De repente começou a falar, mas já não era no murmúrio lento que sempre usara anteriormente. Agora a sua voz era rouca e em tom alto, não demonstrando a menor hesitação. «A nossa tarefa agora é a de aprendermos, a de nos tornarmos semelhantes a Deus através do conhecimento. Sabemos tão pouco. Está aqui para ser meu professor. Tenho tanto para aprender. Pelo conhecimento aproximamo-nos de Deus para depois podermos descansar. Em seguida regressamos para ensinar e ajudar os outros.»

Sentia-me incapaz de dizer o que quer que fosse. Aqui estava uma lição vinda depois da sua morte, surgida de um estado intermediário. Qual era a origem *deste* material? Não se parecia de modo nenhum com Catherine. Ela nunca falara desta maneira, usando estas palavras, esta fraseologia. Até o próprio tom de voz era completamente diferente.

Naquela altura não me lembrei de que, embora Catherine tivesse pronunciado as palavras, não fora ela que originara os pensamentos. Estava a transmitir aquilo que lhe fora dito a ela. Mais tarde veio a identificar os Mestres, almas altamente evoluídas e incorporais, como tendo sido a origem. Catherine não só era capaz de efectuar regressões a vidas passadas como agora também era capaz de canalizar conhecimento do além. Um conhecimento maravilhoso. Fiz um esforço para manter a minha objectividade.

Fora introduzida uma nova dimensão. Catherine nunca lera os estudos da Dra. Elisabeth Kübler-Ross ou do Dr. Raymond Moody que haviam escrito a respeito de experiências no limiar da morte. Nunca ouvira falar do Livro *Tibetano dos Mortos*. E no entanto relatava experiências semelhantes às que eram descritas nessas obras. Isto constituía um aspecto importante. Se ao menos houvesse mais factos, mais detalhes tangíveis que eu pudesse verificar. O meu cepticismo oscilava, embora se mantivesse. Talvez ela tivesse lido um artigo qualquer numa revista sobre investigações a respeito de experiências no limiar da morte, ou tivesse assistido a uma entrevista num espectáculo de televisão. Embora ela negasse qualquer recordação consciente de um artigo ou espectáculo desse género, era possível que tivesse retido uma memória subconsciente. Mas ela foi muito além das obras referidas e transmitiu uma mensagem oriunda desse estado intermédio. Se ao menos eu tivesse mais factos.

Depois de ter despertado, Catherine recordou os detalhes das vidas passadas, como sempre. No entanto, não conseguia recordar nada que tivesse acontecido depois da morte dela como Elisabeth. No futuro, nunca viria a recordar quaisquer detalhes dos estados intermédios. Só era capaz de se recordar das vidas passadas.

«Pelo conhecimento aproximamo-nos de Deus.» Estávamos no nosso caminho.

## 4

«Vejo uma casa branca quadrada com um caminho de areia que vai dar à porta de entrada. Pessoas a cavalo deslocam-se de um lado para o outro.» Catherine falava novamente no seu habitual murmúrio sonhador. «Há árvores... uma plantação, uma casa grande com um agrupamento de casas pequenas, como se fossem casas de escravos. Está muito calor. É no Sul... Virgínia?» Julgou que o ano era de 1873. Era uma criança.

“Há cavalos e imensas culturas... milho, tabaco.» Ela e os outros servos comiam na cozinha de uma grande casa. Era negra e chamava-se Abby. Sentiu um mau presságio e o corpo ficou tenso. A casa grande estava em chamas, e ficou a vê-la consumir-se até aos alicerces. Fiz com que avançasse quinze anos no tempo até 1888.

«Uso um velho vestido, e estou a limpar um espelho no segundo andar de uma casa, uma casa em tijolos com janelas... com montes de vidros. O espelho é ondulado em vez de ser direito e tem saliências no fundo. O homem que é dono da casa chama-se James Manson. Tem um casaco fora do vulgar, com três botões e uma grande gola negra. Usa barba... Não o reconheço [como alguém na vida presente de Catherine]. Trata-me bem. Vivo numa casa da propriedade. Faço a limpeza dos quartos. Existe uma escola na propriedade, mas não me deixam ir à escola. Também faço manteiga!”

Catherine murmurava lentamente, usando palavras muito simples e prestando grande atenção aos detalhes. Durante os cinco minutos seguintes ouvi uma descrição de como se faz manteiga. Os conhecimentos de Abby sobre o modo como se batia a manteiga também eram novos para Catherine. Fiz com que avançasse no tempo.

«Vivo com alguém, mas julgo que não somos casados. Dormimos na mesma cama... mas nem sempre vivemos juntos. Sinto-me bem em relação a ele, mas não existe nada de especial. Não vejo crianças. Há uma macieira e patos. Vejo outras pessoas à distância. Estou a apanhar maçãs. Há qualquer coisa que me faz arder os olhos.» Catherine fazia trejeitos com os olhos fechados. «É o fumo. O vento está a empurrá-lo para este lado... o fumo de madeira a arder. Estão a queimar barris de madeira.» Agora estava a tossir. «Isto acontece muitas vezes. Estão a colocar no interior dos barris... alcatrão... para os impermeabilizar.»

Depois da excitação que se verificara na sessão da semana anterior, estava ansioso por atingir mais uma vez o estado intermédio. Já havíamos passado cerca de noventa minutos a explorar a sua vida como criada. Aprendera imensas coisas sobre colchas, manteiga e barris; sentia necessidade de uma lição mais espiritual. Abandonando a minha paciência, fiz com que avançasse até à sua morte.

«Custa-me respirar. O meu peito dói-me muito.» Catherine arfava, evidenciando uma dor óbvia. «Dói-me o coração; está a bater muito depressa. Tenho tanto frio... sinto arrepios pelo corpo todo.» Catherine começou a tremer. «Há gente no quarto que me dá folhas para beber [um chá]. Sinto um cheiro esquisito. Estão a esfregar-me um linimento no peito. Febre... mas sinto muito frio.» Morreu tranquilamente. Flutuando até ao tecto, conseguia ver o seu corpo na cama, uma pequena mulher engelhada nos seus sessenta anos. Reparou numa luz, sentindo-se atraída para ela. A luz tornava-se cada vez mais brilhante e luminosa. Esperámos em silêncio enquanto os minutos

passavam lentamente. De um momento para o outro já estávamos noutra vida, milhares de anos antes de Abby.

Catherine murmurava lentamente. «Vejo uma quantidade enorme de alhos que se encontram pendurados numa sala ampla. Sinto o cheiro do alho. Acredita-se que pode matar muitos males do sangue e limpar o corpo, mas para isso terá que ser ingerido todos os dias. Também há alho lá fora, na parte de cima de um quintal. E há outras plantas... figos, tâmaras e mais plantas. Estas plantas são de grande ajuda. E a minha mãe que compra o alho e as outras ervas. Há alguém em casa que está doente. Vejo umas raízes estranhas. Por vezes basta colocá-las na boca, nas orelhas ou em outras aberturas. Basta deixá-las estar lá.

«Vejo um homem de idade que usa barba. É um dos curandeiros da aldeia. É ele que diz o que temos que fazer. Há um tipo qualquer de... peste... que está a matar as pessoas. Não estão a embalsamar porque têm medo da doença. As pessoas são simplesmente enterradas. O povo não se sente contente com esta situação. Estão convencidos de que nestas condições a alma não consegue seguir o seu caminho [o que contraria os relatos *post mortem* de Catherine]. Mas já morreram tantos. O gado também está a morrer. Água... cheias... o povo está doente por causa das cheias [aparentemente só agora é que ela chegou a uma conclusão a respeito deste aspecto da epidemia]. Eu também estou doente por causa da água. Faz doer o estômago. A doença é nos intestinos e no estômago. Perde-se imensa água do corpo. Estou junto da água para acarretar mais, mas é isso que nos está a matar. Levo a água para casa. Vejo a minha mãe e os meus irmãos. O meu pai já morreu. Os meus irmãos estão muito doentes.»

Fiz uma pausa antes de a levar a progredir no tempo. Sentia-me fascinado com o modo como os seus conceitos de morte e de vida depois da morte se modificavam de vida para vida. E, no entanto, em todas as vezes a sua *experiência* de morte era absolutamente uniforme, perfeitamente similar. Uma parte consciente dela abandonava o corpo no momento da morte, flutuando acima dele, para em seguida ser atraída por uma luz maravilhosa, fonte de energia. Nessa altura esperava sempre por alguém que deveria chegar para a ajudar. A alma seguia automaticamente o seu caminho. Embalsamar os corpos, rituais fúnebres, ou qualquer outro procedimento depois da morte não tinham qualquer influência. Era automático, sem necessidade de qualquer preparação, como se fosse apenas uma questão de passar por uma porta que se encontra aberta.

«A terra é árida e seca... Não vejo montanhas à minha volta, apenas uma extensão enorme de terreno, muito plano e muito seco. Um dos meus irmãos morreu. Estou a sentir-me melhor, mas a dor ainda lá está.» No entanto, não viveu muito mais. «Estou deitada numa enxerga, com qualquer coisa a cobrir-me.» Estava muito doente e não havia alho ou quaisquer outras plantas que pudessem evitar a sua morte. Pouco depois estava a flutuar acima do corpo, atraída pela luz familiar. Esperou pacientemente que alguém viesse ter com ela.

Começou a rolar a cabeça lentamente como se estivesse a observar uma cena qualquer. Mais uma vez falava em voz alta e num tom rouco.

«Dizem-me que há muitos deuses, porque Deus está em cada um de nós.»

Reconheci a voz do estado entre vidas, tanto pela sua rouquidão como pelo tom decididamente espiritual da mensagem. Aquilo que ela disse a seguir deixou-me sem fôlego, esvaziando-me os pulmões de ar.

«O teu pai está aqui, e o teu filho que é uma criança pequena. O teu pai diz que o reconhecerás porque o seu nome é Avrom, e a tua filha tem o seu nome. A sua morte também foi por causa do coração. O problema do coração do teu filho também era importante, porque estava ao contrário, como o de uma galinha. Por amor, fez um grande sacrifício por ti. A sua alma está muito avançada... A sua morte expiou as dívidas dos seus pais. Também quis mostrar-te até onde podia ir a medicina, que o seu alcance é muito limitado.»

Catherine parou de falar e eu fiquei sentado num silêncio mesclado de um temor respeitoso, enquanto a minha mente entorpecida tentava esclarecer o que se estava a passar. O consultório parecia-me gelado.

Catherine sabia muito pouco a respeito da minha vida pessoal. Na minha secretária tinha uma fotografia da minha filha em bebé, sorrindo alegremente com os dois dentitos de baixo numa boca completamente vazia. A seguir tinha a fotografia do meu filho. Para além disto, Catherine não sabia virtualmente nada a respeito da minha família ou da minha história pessoal. Fora bem instruído em termos de técnicas tradicionais psicoterapêuticas. O terapeuta era suposto ser *tabula rasa*, um quadro em branco onde o paciente podia projectar os seus próprios sentimentos, pensamentos e atitudes. Estes podiam então serem analisados pelo terapeuta, alargando a arena da mente do paciente. Sempre mantivera esta distância terapêutica em relação a Catherine. Na realidade ela só me conhecia como psiquiatra, não sabendo nada do meu passado ou da minha vida privada. Nem sequer expusera os meus diplomas no consultório.

A maior tragédia fora o inesperado falecimento do nosso primeiro filho, Adam, que tinha apenas vinte e três dias quando morreu, nos princípios de 1971. Cerca de dez dias depois de o termos trazido do hospital para casa manifestara problemas respiratórios e crises de vômitos. O diagnóstico era extremamente difícil de fazer. «Drenagem venosa pulmonar totalmente anómala com um defeito do septo auricular» foi aquilo que nos disseram. «Verifica-se cerca de um caso em cada dez milhões de nascimentos.» As veias pulmonares, que supostamente deveriam transportar sangue oxigenado para o coração, estavam incorrectamente posicionadas, entrando no coração pelo lado errado. Era como se o seu coração tivesse sido rodado, *voltado para trás*. Extremamente, extremamente raro.

Qualquer arriscada cirurgia de coração aberto não tinha a menor possibilidade de salvar Adam, que veio a morrer alguns dias depois. Chorámo-lo durante meses, e todas as nossas esperanças e sonhos se despedaçaram. O nosso filho, Jordan, veio a nascer um ano depois, representando um bálsamo gratificante para as nossas feridas.

Na altura em que Adam morreu, hesitava a respeito da minha escolha inicial da psiquiatria como carreira definitiva. Sentia-me feliz no meu internato em medicina interna e acabavam de me oferecer um lugar como residente em medicina. Depois do falecimento de Adam tomei uma decisão definitiva, escolhendo a psiquiatria como profissão. Sentia uma ira indescritível, porque a medicina moderna, com todas as suas especializações e tecnologias, não fora capaz de salvar o meu filho, aquele pequenino e frágil bebé.



O meu pai sempre tivera uma saúde excelente, até que no início de 1979 e com sessenta e um anos, foi vítima de um grave ataque de coração. Conseguiu sobreviver ao ataque inicial, mas a parede do coração fora irremediavelmente danificada e veio a falecer três dias depois. Isto passou-se cerca de nove meses antes de Catherine ter surgido na primeira consulta.

O meu pai fora um homem religioso, mais ritualista do que espiritual. O seu nome hebraico, Avrom, ficava-lhe melhor do que o nome inglês, Alvin. Quatro meses depois da sua morte nasceu a nossa filha, Amy, assim chamada em sua homenagem.

No momento presente, em 1982, no meu consultório tranquilo e na penumbra, precipitava-se sobre mim uma cascata ensurdecadora de verdades ocultas e secretas. Sentia-me a nadar num mar espiritual e adorava a água. Sentia os braços com pele de galinha. Catherine não tinha a menor possibilidade de saber estas informações. Nem tão pouco tivera a menor possibilidade de se informar a esse respeito. O nome *hebraico* do meu pai, o facto de ter tido um filho que morrera nos primeiros dias de vida com um problema de coração que só acontecem em um-em-cada-dez-milhões, as minhas dúvidas a respeito da medicina, a morte do meu pai e o nome da minha filha - era de mais, demasiado específico, demasiado verdadeiro. Esta simples técnica de laboratório constituía um meio de transmissão de conhecimento transcendental. E se ela conseguia revelar estas verdades, o que é que viria a seguir? Precisava de saber mais.

«Quem» perguntei atabalhoadamente, «quem é que está aí? Quem é que lhe diz essas coisas?»

«Os Mestres» disse-me num murmúrio, «foram os Espíritos Mestres que me disseram. Contaram-me que já vivi oitenta e seis vezes no estado físico.»

A respiração de Catherine tornou-se mais pausada e deixou de rolar a cabeça de um lado para o outro. Estava a descansar. Queria continuar, mas as implicações daquilo que ela dissera estavam a distrair-me. Seria verdade que ela já tivera oitenta e seis vidas anteriores? E o que eram «os Mestres,,? Seria possível? Podiam as nossas vidas ser guiadas por espíritos que não têm corpo físico, mas que parecem possuir um grande saber? Poderemos dizer que tudo isto representa um conjunto de degraus no caminho para Deus? Seria tudo isto verdade? Cheguei à conclusão de que era difícil duvidar, atendendo àquilo que ela acabara de revelar; e no entanto ainda me custava a acreditar. Debatia-me com a influência de anos de uma programação alternativa. Mas, mentalmente, no coração e no meu íntimo sabia que ela tinha razão. Estava a revelar coisas que eram verdadeiras.

E a respeito do meu pai e do meu filho? Num certo sentido, ainda se encontravam vivos; na realidade nunca tinham chegado a morrer. Estavam a falar comigo, anos depois de terem sido enterrados, e provavam-no fornecendo informações específicas e absolutamente particulares. E uma vez que tudo aquilo era verdade, seria o meu filho tão avançado espiritualmente como Catherine dissera? Seria verdade que ele tinha concordado em nascer por nós e em morrer vinte e três dias depois para nos ajudar a pagar as nossas dívidas kármicas e, além disso, ensinar-me sobre medicina e humanidade e entusiasmar-me a regressar à psiquiatria? Sentia-me muito encorajado com todos estes pensamentos. No fundo do meu desalento sentia um grande sentimento de amor que se agitava, um forte sentimento de unidade e de

ligação com os céus e com a terra. Sentira muito a falta do meu pai e do meu filho. Era bom ter de novo notícias deles.

A minha vida nunca mais voltaria a ser a mesma. Havia uma mão que descera até mim e que alterara irreversivelmente o curso da minha vida. Tudo aquilo que lera, tudo aquilo que fora feito com base numa cuidadosa pesquisa e numa indiferença céptica, ocupou de repente os respectivos lugares. As recordações de Catherine e as mensagens eram verdadeiras. A minha intuição sobre a exactidão das suas experiências havia sido correcta. Tinha os factos. Tinha as provas.

E, no entanto, mesmo naquele exacto instante de alegria e de compreensão, mesmo naquele momento de experiência mística, a velha e familiar parte lógica da minha mente que habitualmente apresentava as dúvidas possíveis, apresentou uma objecção. Talvez se trate apenas de PES ou de qualquer capacidade psíquica. Não há dúvida, trata-se de uma capacidade, mas não representa qualquer prova de reencarnação ou de Espíritos Mestres. Contudo, desta vez, sabia algo mais. Os milhares de casos registados na literatura científica, em especial os de crianças a falarem línguas estrangeiras que nunca tinham ouvido ou praticado, de sinais de nascimento no sítio de anteriores feridas mortais, das mesmas crianças saberem onde se encontram tesouros que foram escondidos ou enterrados a milhares de quilómetros de distância e há décadas ou séculos, tudo isso se reflectia na mensagem de Catherine. Conhecia o carácter de Catherine e a sua mentalidade. Sabia aquilo que ela era e aquilo que não era. Não, desta vez a minha mente não conseguia enganar-me. As provas eram demasiado fortes e avassaladoras. Isto era real. Cada vez iria verificar mais aspectos à medida que as nossas sessões fossem progredindo.

Em diversas alturas nas semanas seguintes iria esquecer o poder e o impacto desta sessão. Noutras alturas iria cair na rotina da vida do dia a dia, preocupando-me com as coisas habituais. Nessa altura surgiam as dúvidas. Era como se a minha mente, quando não se encontrava concentrada, tivesse uma tendência para deslizar de volta aos velhos padrões, crenças e ceticismo. Mas nessa altura voltava a recordar-me - isto aconteceu de facto! Tinha uma noção muito concreta de como era difícil acreditar nestes conceitos sem ter tido uma experiência pessoal. A experiência torna-se necessária para acrescentar uma crença emocional à compreensão intelectual. Mas o impacto da experiência dilui-se sempre em certo grau. .

Inicialmente não tinha noção das razões pelas quais estava a mudar tanto. Sabia que estava mais calmo e paciente, e os outros não se cansavam de me repetir como eu aparentava estar em paz, como eu parecia mais descontraído e feliz. Sentia mais esperança, mais alegria, um maior sentido de finalidade e uma maior satisfação na minha vida. De um momento para o outro compreendi que estava a perder o medo da morte. Não tinha medo da minha própria morte ou da não existência. Já não tinha tanto medo de perder os outros, embora soubesse de antemão que as saudades seriam imensas. Como é forte o medo da morte! As pessoas fazem coisas incríveis para evitar o medo: crises de meia-idade, relacionamento com pessoas mais novas, cirurgias estéticas, obsessão pela ginástica, acumulação de bens materiais, procriar para transmitir um nome, desenvolver esforços desesperados para aparentar ser cada vez mais novo, e muito mais coisas. Sentimos um pavor enorme das nossas mortes, por vezes tão intenso que esquecemos a finalidade das nossas próprias vidas.

Também me estava a tornar menos obcecado. Deixara de ter a necessidade de estar permanentemente a controlar-me. Embora estivesse a tentar tornar-me menos circunspecto, esta transformação tornava-se difícil para mim. Ainda tinha muito que aprender.

Não havia qualquer dúvida de que a minha mente se encontrava agora aberta à possibilidade, mesmo à probabilidade, de que as declarações de Catherine correspondessem à realidade. Não havia a menor possibilidade dos factos incríveis sobre o meu pai e o meu filho terem sido obtidos através dos sentidos normais. O conhecimento e capacidades dela demonstravam sem qualquer dúvida uma extraordinária capacidade psíquica. Fazia sentido acreditar naquilo que ela dizia, mas continuei cauteloso e céptico sobre aquilo que lia na literatura popular. Quem eram essas pessoas que descreviam fenómenos psíquicos, a vida depois da morte, e outros extraordinários acontecimentos paranormais? Estarão treinados no método científico de observação e certificação? Apesar da minha extraordinária e maravilhosa experiência com Catherine, sabia que a minha mente naturalmente crítica continuaria a analisar minuciosamente cada facto novo, todo e qualquer aspecto de informação. Não deixaria de verificar se se encaixavam na moldura que estava a ser construída em cada sessão. Qualquer aspecto seria examinado de todos os ângulos, com um microscópio de cientista. E, no entanto, deixava de ter a menor possibilidade de negar que a moldura se encontrava de facto ali.

## 5

Ainda estávamos a meio da sessão. Catherine terminou o seu repouso e começou a falar de estátuas verdes diante de um templo. Pela minha parte despertei dos meus devaneios e escutei. Estava numa vida muito distante, algures na Ásia, mas eu ainda ouvia os Mestres. Incrível, pensei para comigo. Ela está a falar sobre vidas anteriores, sobre *reencarnação*, e no entanto comparando com as mensagens dos Mestres sente-se um anticlimax. Contudo já chegara à conclusão de que ela tinha que percorrer toda uma vida antes de chegar novamente ao estado intermédio. Não conseguia atingir directamente esse estado. E, só ao atingi-lo, é que ela conseguia alcançar os Mestres.

«As estátuas verdes encontram-se diante do edifício de um grande templo» murmurou suavemente, «um edifício com agulhas e bolas castanhas. Há dezassete degraus até chegar à entrada e existe uma sala logo depois de se terem subido os degraus. Há incenso a arder. Ninguém se encontra calçado. As cabeças estão rapadas. Têm rostos redondos e olhos escuros. A pele é de um tom muito moreno. Eu estou presente. Feri-me num pé e fui ao templo pedir ajuda. O pé está inchado; não consigo apoiar-me nele. Tenho qualquer coisa espetada no pé. Colocam-me umas folhas no pé... folhas que não conheço... Tanis? [O tanino ou ácido tânico que existe naturalmente nas raízes, madeira, casca, folhas e frutos de muitas plantas sempre foi usado desde tempos muito antigos como medicamento pelas suas propriedades hemostáticas ou adstringentes.] Em primeiro lugar limpam-me o pé. Trata-se de um ritual perante os deuses. Tenho um veneno qualquer no pé. Pisei em qualquer coisa. O joelho está inchado. Sinto a perna inchada e está cheia de sulcos [envenenamento do sangue?]. Fazem um furo no pé e deitam qualquer coisa muito quente.» Catherine

começou a contorcer-se com dores. Também se engasgava por causa de qualquer poção terrivelmente amarga que lhe estavam a dar para beber. A poção era feita de folhas amarelas. Curou-se, mas os ossos do pé e da perna nunca mais foram os mesmos. Fiz com que ela avançasse no tempo. Viu apenas uma vida infeliz e de extrema pobreza. Vivia com a família numa cabana com uma só dependência, onde nem sequer havia uma mesa. Comiam uma espécie de arroz, como cereal, mas estavam sempre com fome. Envelheceu rapidamente, nunca tendo conseguido escapar à pobreza ou à fome, até que finalmente morreu. Esperei, não me passando despercebido o extremo cansaço de Catherine. Mesmo assim, e antes de a conseguir despertar, disse-me que Robert Jarrod precisava da minha ajuda. Não fazia a menor ideia de quem era Robert Jarrod ou de como e que podia ajudá-lo. Não houve mais nada.

Depois de ter despertado do transe, Catherine recordou mais uma vez grande parte dos pormenores desta sua vida anterior que acabara de percorrer. Não tinha a menor recordação de todas as suas experiências depois da morte, nada a respeito dos estados intermediários, nada sobre os Mestres ou sobre o incrível saber que fora revelado. Fiz-lhe uma pergunta.

«Catherine, o que é que o termo "Mestres" significa para si?» Pensou que me estava a referir a um torneio de golfe! Notava-se que melhorava rapidamente, mas ainda tinha dificuldade em integrar o conceito de reencarnação na teologia em que acreditava. Foi por isso que decidi não ser ainda a altura para lhe contar o que se passara com os Mestres. Além disso, não fazia a menor ideia de como e que se poderia dizer a alguém que, em transe, era um médium com um talento incrível, capaz de canalizar um saber maravilhoso e transcendental oriundo dos Espíritos Mestres.

Catherine concordou em que a minha esposa poderia estar presente na sessão seguinte. Carole é técnica de psiquiatria social, com muita prática e altamente especializada, e eu queria a sua opinião sobre estes acontecimentos incríveis. Depois de lhe ter contado o que Catherine dissera sobre o meu pai e o nosso filho, Adam, estava ansiosa por ajudar. Não tinha o menor problema em tomar notas sobre as vidas passadas de Catherine, porque esta ia falando num murmúrio muito lento, mas os Mestres falavam muito mais depressa, e cheguei à conclusão de que o melhor era gravar tudo.

Uma semana mais tarde, Catherine apareceu no consultório para a sessão seguinte. *Continuava* a melhorar, os seus medos e ansiedades diminuían acentuadamente. As suas melhoras clínicas eram absolutamente definidas, mas pela minha parte ainda não tinha a certeza das razões por que tinha melhorado tanto. Recordara-se de se ter afogado como Aronda, de lhe terem cortado a garganta como Johan, de ter sido vítima de uma epidemia transmitida pela água como Louisa, e de muitos outros acontecimentos traumáticos aterradores. Também experimentara, até mais do que uma vez, vidas de extrema pobreza e servidão, e de abusos por parte da família. Estes últimos constituem exemplos dos minitraumas diários que lentamente se vão instalando nas nossas psiques. A recordação dos diversos tipos de vidas podia estar a contribuir para as suas melhoras. Mas existia uma outra possibilidade. Seria possível que a experiência espiritual estivesse a ajudar? Seria possível que o conhecimento de que a morte não é aquilo que parece pudesse contribuir para um

sentimento de bem-estar, de diminuição de medos? Seria possível que todo o *processo*, e não apenas as recordações em si, constituísse parte da cura?

As capacidades psíquicas de Catherine estavam a aumentar, e estava a tomar-se cada vez mais intuitiva. Ainda continuava a ter problemas com Stuart, mas passara a ser capaz de lidar com ele de um modo mais eficiente. Os olhos cintilavam; a pele tinha um novo brilho. Tivera um sonho estranho durante a semana, segundo me contou, mas só conseguia recordar-se de um fragmento dele. Sonhara que tinha uma barbatana vermelha de peixe cravada na mão.

Entrou rapidamente em transe sem qualquer dificuldade, alcançando um estado profundo de hipnose em poucos minutos.

«Vejo uma série de falésias. Estou de pé no topo de uma falésia, olhando para baixo. Devo estar a tentar avistar embarcações - é aquilo que devo fazer... Visto qualquer coisa que é azul, um modelo de calças azuis... calças curtas com uns sapatos estranhos... sapatos negros... e com fivelas. Os sapatos têm fivelas, são uns sapatos engraçados... Vejo que não há embarcações no horizonte.» Catherine murmurava lentamente. Fiz com que avançasse no tempo para o acontecimento seguinte da sua vida que fosse significativo.

«Estamos a beber cerveja, uma cerveja muito forte. Está muito escuro. As canecas são grossas. São antigas e têm cintas metálicas. Há muitas pessoas e o local tem um cheiro insuportável. Há muito barulho. Toda a gente fala ao mesmo tempo, o ruído é insuportável.

Perguntei-lhe se ouvia alguém a chamar o nome dela. «Christian... chamo-me Christian.» Mais uma vez era um homem. «Estamos a comer um tipo qualquer de carne e a beber cerveja. É escura e muito amarga. Deitam-lhe sal.»

Não era capaz de descobrir o ano. «Estão a falar sobre uma guerra, sobre navios que se *encontram* a bloquear alguns portos! Mas não consigo ouvir onde é. Se não estivesse tanto barulho era capaz de ouvir, mas toda a gente está a falar e há ruído a mais.»

Perguntei-lhe onde é que estava. «Hamstead... Hamstead [transcrição fonética]. É um porto, um porto de mar em Gales. Estão a falar em inglês. » Avançou no tempo até à altura em que Christian se encontrava no seu navio. «*Cheira-me* a qualquer coisa, qualquer coisa que está a arder. É um cheiro horrível. Madeira a arder, mas qualquer coisa mais. Faz arder o nariz... Qualquer coisa ao longe está a arder, um barco qualquer, um veleiro. Estamos a carregar! Estamos a carregar qualquer coisa com pólvora.» Catherine estava a ficar visivelmente agitada.

«E qualquer coisa que tem pólvora, muito negro. Cola-se às mãos. E preciso andar depressa. O navio tem uma bandeira verde... A bandeira é escura... É uma bandeira verde e amarela. Tem uma espécie de coroa com três pontas.»

De repente Catherine fez uma careta de dor. Estava cheia de dores. -Ai!» gemeu, «a dor que sinto na mão, a dor que sinto na mão! Tenho qualquer coisa em metal, metal quente na mão. Está a queimar-me! Oh! Oh! »

Foi nesse momento que recordei o fragmento do sonho e que consegui compreender o pormenor da barbatana vermelha cravada na mão. Bloqueei-lhe a dor, mas continuava a gemer.

«Os estilhaços são de metal... O navio onde estávamos foi destruído... o lado de bombordo. O incêndio já foi dominado. Muitos homens foram mortos... muitos

homens. Eu sobrevivi... só me dói a mão, mas vai passar com o tempo.» Levei-a a avançar no tempo, deixando que captasse o acontecimento seguinte que fosse significativo.

«Vejo uma espécie de tipografia, estão a imprimir qualquer coisa com blocos e tinta. Estão a imprimir e a encadernar livros... Os livros têm capas de couro e correias para os manter fechados, correias de couro. Vejo um livro vermelho... É qualquer coisa sobre história. Não consigo ver o título; ainda não acabaram a impressão. Os livros são maravilhosos. As capas de couro são tão macias! São livros maravilhosos; ensinam muitas coisas.»

Era óbvio que Christian sentia prazer em ver e tocar nos livros, e apercebia-se inconscientemente do potencial de aprendizagem por este meio. No entanto a sua educação parecia muito rudimentar. Fiz com que Christian progredisse até ao último dia da sua vida.

«Vejo uma ponte sobre um rio. Sou um velho... muito velho. Tenho dificuldade em andar. Estou a atravessar a ponte... para o outro lado... Sinto dores no peito - uma pressão, uma pressão terrível - sinto dores no peito! Oh!. Catherine emitia sons gorgolejantes, sofrendo o aparente ataque de coração que Christian estava a ter na ponte. A respiração era rápida e superficial; o rosto e o pescoço estavam cobertos de transpiração. Começou a tossir e a arfar. Sentia-me preocupado. Seria perigoso voltar a experimentar um ataque de coração ocorrido numa vida anterior? Estávamos perante uma nova fronteira; ninguém sabia as respostas. Finalmente, Christian morreu. Catherine estava agora deitada no sofá evidenciando um ar tranquilo, respirando profunda e regularmente. Deixei escapar um profundo suspiro de alívio.

«Sinto-me livre... livre», murmurou Catherine suavemente. «Estou apenas a flutuar na escuridão... apenas a flutuar. Há uma luz à volta... e espíritos, outras pessoas.»

Perguntei-lhe se se lembrava de alguma coisa da vida que acabara de terminar, a vida como Christian.

«Devia ter sido mais indulgente, e não fui. Não perdoei o mal que as outras pessoas me fizeram e devia tê-lo feito. Não perdoei as ofensas. Mantive-as dentro de mim e guardei-as durante muitos anos... Vejo olhos... olhos.»

«Olhos?» repeti como um eco, tendo uma sensação de contacto. «Os olhos de quem?»

«Os olhos dos Espíritos Mestres» murmurou Catherine, «mas tenho que esperar. Tenho coisas em que pensar.» Passaram-se diversos minutos num silêncio tenso.

«Como é que sabe quando eles estão prontos?» perguntei ansiosamente, quebrando o longo silêncio.

«Eles hão-de chamar-me», respondeu. Passaram-se mais alguns minutos. Até que, de repente, começou a mover a cabeça de um lado para o outro e a voz, rouca e firme, assinalou a transformação.

«Há muitas almas nesta dimensão. Não sou a única. Temos que ser pacientes. E qualquer coisa que eu também nunca aprendi... Há muitas dimensões...» Perguntei-lhe se já estivera ali antes, se reencarnara muitas vezes.

«Estive em diferentes planos em alturas diferentes. Cada um deles representa um nível de consciência superior. O plano para onde vamos depende do ponto até onde

conseguimos progredir...» Mais uma vez estava em silêncio. Perguntei-lhe que lições tinha que aprender para poder progredir. Respondeu de imediato.

«A de que devemos partilhar o nosso saber com as outras pessoas. A de que temos capacidades muito para além das que julgamos possuir. Há quem descubra isto mais depressa do que outros. A de que devemos ter consciência dos nossos erros antes de chegarmos a este ponto. Se assim não for, serão transportados connosco para outra vida. Só nós temos possibilidade de nos libertarmos... dos maus hábitos que vamos acumulando quando nos encontramos no estado físico. Os Mestres não podem fazer isso por nós. Quando optamos por nos opormos e não nos libertarmos deles, iremos transportá-los para uma outra vida. E só quando decidimos que somos suficientemente fortes para dominarmos os problemas externos é que faremos com que eles não existam na vida seguinte.

«Também devemos aprender a não nos limitarmos a aproximarmo-nos das pessoas que têm vibrações como as nossas. É normal sentirmo-nos atraídos por alguém que se encontra no mesmo nível onde nós estamos. Mas isto está errado. Também devemos aproximarmo-nos das pessoas cujas vibrações são diferentes... das nossas. É nisto que reside a importância... de ajudar... essas pessoas.

«São-nos dados poderes intuitivos que deveríamos seguir em vez de tentarmos resistir-lhes. Todos aqueles que lhes resistem irão cair em situações de perigo. Não somos enviados de cada um dos planos com poderes iguais. Algumas pessoas possuem poderes maiores do que as outras, porque estes foram acrescidos noutras alturas. Assim, as pessoas não são todas criadas de igual modo. Mas eventualmente alcançaremos um ponto em que todos seremos iguais.»

Catherine fez uma pausa. Sabia que estes pensamentos não lhe pertenciam. Não tinha qualquer bagagem em física ou metafísica; não sabia nada sobre planos, dimensões e vibrações. Mas para lá de tudo isso, a beleza das palavras e dos pensamentos, as implicações filosóficas destas elocuições - tudo isso se encontrava muito além das capacidades de Catherine. Nunca falara de uma maneira tão concisa e poética. Sentia uma outra força muito superior que se debatia com a mente dela e com as suas cordas vocais para traduzir estes pensamentos em palavras de modo a que eu fosse capaz de compreender. Não, não era Catherine.

A sua voz tinha um tom sonhador.

«As pessoas que se encontram em coma... estão num estado de suspensão. Ainda não se encontram prontas para atravessarem para outro plano... até decidirem se querem ou não atravessar. Só elas podem tomar uma decisão a este respeito. Se concluem que não têm mais nada a aprender... no estado físico... então é-lhes permitido atravessar. Mas se ainda têm coisas a aprender, então, devem regressar mesmo que não o queiram fazer. Para essas pessoas trata-se de um período de descanso, um período em que os seus poderes mentais podem repousar.»

Sendo assim, as pessoas em coma podem decidir se querem ou não regressar, dependendo tudo do grau de aprendizagem que ainda têm que atingir no mundo físico. Se chegam à conclusão de que não há mais nada para aprender, podem seguir directamente para o estado espiritual, não interessando tudo o que a medicina moderna faça para o impedir. Esta informação adaptava-se perfeitamente às investigações que haviam sido publicadas sobre experiências de quase morte, e às razões pelas quais

algumas pessoas decidiam regressar. Havia outras a quem não era dada qualquer possibilidade de escolha; tinham que regressar porque ainda havia coisas a aprender. É evidente que todas essas pessoas entrevistadas sobre as suas experiências no limiar da morte regressaram aos seus corpos. Verifica-se uma semelhança espantosa nas suas histórias. Libertaram-se dos seus corpos e «observaram» os esforços de reanimação de um ponto acima daqueles. Em alguns casos tiveram consciência de uma luz brilhante ou de um vulto «espiritual» resplandecente avistado à distância, por vezes na extremidade de um túnel. Não sentiam qualquer dor. Logo que tomavam consciência de que as suas tarefas na terra ainda não se encontravam terminadas e que tinham que regressar aos seus corpos, este regresso era feito de imediato, e mais uma vez passavam a estar conscientes da dor e de outras sensações físicas.

Tive diversos pacientes com experiências no limiar da morte. O relato mais interessante foi o de um homem de negócios de sucesso sul-americano, que foi visto por mim em várias sessões de psicoterapia convencional cerca de dois anos depois do tratamento de Catherine ter terminado. Em 1975, na Holanda, quando Jacob entrara na casa dos trinta anos, fora atropelado por uma motocicleta, acidente que o deixara inconsciente. Recordava-se de flutuar acima do seu corpo e de olhar para a cena do acidente, vendo a ambulância, o médico a tratar dos seus ferimentos e o número crescente de mirões. De repente teve consciência de uma luz dourada à distância, e quando a luz se aproximou, viu um monge que envergava um hábito castanho. O monge disse a Jacob que ainda não chegara a altura de fazer a travessia, que tinha que regressar ao seu corpo. Jacob sentiu a sabedoria e o poder do monge, que também descreveu a Jacob alguns acontecimentos da sua vida futura, tendo-se tudo passado conforme foi descrito. Jacob foi de novo empurrado para o seu corpo, que agora se encontrava numa cama de hospital, retomou a consciência, e pela primeira vez sentiu dores insuportáveis.

Em 1980, durante uma viagem a Israel, Jacob, que é judeu, visitou a Gruta dos Patriarcas em Hebron, que é um local sagrado tanto para judeus como para Muçulmanos. Depois da experiência que tivera na Holanda tornara-se mais religioso e passara a orar mais frequentemente. Viu a mesquita que se encontrava próxima e sentou-se para orar com os muçulmanos que aí se encontravam. Ao fim de algum tempo levantou-se para sair. Um velho muçulmano aproximou-se dele e disse: «És diferente dos outros. Raras vezes se sentam para orar connosco.» O velho fez uma pausa durante alguns momentos, olhando atentamente para Jacob antes de continuar. «Viste o monge. Não te esqueças daquilo que ele te disse.» Cinco anos depois do acidente e a uma distância de milhares de quilómetros, um velho sabia o que se passara no encontro de Jacob com o monge, um encontro ocorrido quando Jacob se encontrava inconsciente.

No consultório, meditando nas últimas revelações de Catherine, tentava imaginar o que é que os nossos Pais Fundadores teriam pensado da afirmação de que os humanos não são todos criados iguais. As pessoas nascem com talentos, capacidades e poderes acrescidos de outras vidas. «Mas eventualmente alcançaremos um ponto em que seremos todos iguais.» Tinha uma suspeita de que esse ponto se encontrava a muitas, muitas vidas de distância.



Lembrei-me do jovem Mozart e dos seus incríveis talentos evidenciados ainda em criança. Seria isto também uma demonstração de capacidades anteriores? Aparentemente tanto exibíamos capacidades como falhas.

Pensei sobre o modo como as pessoas apresentavam uma tendência para se reunirem em grupos homogêneos, evitando e muitas vezes receando estranhos. Tudo isto constituía a base de preconceitos e ódios entre grupos. «Também devemos aprender a não nos aproximarmos apenas das pessoas cujas vibrações são iguais às nossas.» Para ajudar essas outras pessoas. Conseguia sentir as verdades espirituais contidas nestas palavras.

«Devo voltar» concluiu Catherine. «Tenho que voltar.» Mas eu queria ouvir mais. Perguntei-lhe quem era Robert Jarrod. Mencionara este nome na última sessão, afirmando que ele precisava da minha ajuda.

«Não sei... Pode ser que se encontre noutra plano, e não neste.» Aparentemente não conseguia encontrá-lo. «Só quando ele quiser, só se ele decidir vir ao meu encontro» murmurou, «é que ele me enviará uma mensagem. Precisa da sua ajuda.»

Continuava a não compreender como é que eu poderia ajudar.

«Não sei», respondeu Catherine. «Mas é você que deverá ser ensinado, não eu.»

Isto era interessante. Seria material para mim? Ou teria que ser ensinado para poder ajudar Robert Jarrod? Nunca ouvira falar dele.

«Tenho que regressar», repetiu Catherine. «Primeiro tenho que ir para a luz.» De um momento para o outro mostrava-se alarmada. «Oh, oh, hesitei durante demasiado tempo... Por ter hesitado tanto tenho que esperar de novo.» Enquanto esperava perguntei-lhe o que é que estava a ver e a sentir.

«Apenas outros espíritos, outras almas. Também aguardam.» Perguntei-lhe se havia alguma coisa que nos pudesse ser ensinada enquanto ela estava à espera. «Pode dizer-nos o que e que devemos saber?» perguntei.

«Não estão aqui para me dizerem» respondeu. Fascinante. Se os Mestres não se encontravam lá para que ela pudesse escutar, Catherine por si só não era capaz de fornecer o saber.

«Sinto-me muito inquieta por estar aqui. Quero ir-me embora... Quando chegar a altura, tenho que partir.» Mais uma vez passaram-se alguns minutos em silêncio. Finalmente deve ter chegado a altura exacta. Caíra numa nova vida. »

«Vejo macieiras... e uma casa, uma casa branca. Vivo na casa. As maçãs estão podres... cheias de minhocas, não servem para comer. Há um baloiço, um baloiço pendurado na árvore.» Pedi-lhe para olhar para ela.

«Tenho cabelos claros, cabelos louros; tenho cinco anos. O meu nome é Catherine.» Fiquei surpreendido. Chegara à sua vida actual; era Catherine quando tinha cinco anos. Mas devia estar ali por uma razão qualquer. «Houve alguma coisa que tivesse acontecido, Catherine?»

«O meu pai está zangado connosco... porque não devíamos ter ido lá para fora. Ele... ele está a bater-me com uma vara. É muito pesada; dói-me... tenho medo.» Estava a choramingar, e falava como uma criança. «Não vai parar até nos ter magoado. Por que é que ele nos faz isto? Por que e que ele é tão mau?» Pedi-lhe para observar a vida dela de uma perspectiva superior e para responder às suas próprias perguntas. Ainda há pouco tempo lera qualquer coisa sobre pessoas que eram capazes

de o fazer. Alguns autores designavam esta perspectiva por Ego Superior ou Superego. Tinha curiosidade em descobrir se Catherine seria capaz de atingir esse estado, se ele de facto existisse. Se ela fosse capaz, isto poderia ser considerado como uma poderosa técnica terapêutica, um atalho para uma visão interior e compreensão.

«Nunca gostou de nós» murmurou muito suavemente. «Pensa que somos uma intromissão na sua vida... Não nos quer.»

«O seu irmão também?» perguntei-lhe.

«Sim, o meu irmão ainda mais. Nunca fizeram planos para o meu irmão. Não eram casados quando... ele foi concebido.» Isto apresentava-se como uma informação aterradora para Catherine. Nunca soubera da gravidez pré-marital. Mais tarde a mãe veio a confirmar a exactidão das revelações de Catherine.

Embora estivesse a percorrer de novo uma vida, agora Catherine demonstrava uma maior sabedoria e uma perspectiva sobre a sua vida que antes fora limitada ao estado intermédio ou estado espiritual. Verificava-se, de certa maneira, a existência de uma parte «superior» da sua mente, uma espécie de superconsciência. Talvez fosse o Ego Superior que outros haviam descrito. Embora sem estar em contacto com os Mestres e com o seu saber espectacular, mesmo assim, no seu estado superconsciente possuía uma profunda visão interior e uma grande dose de informação, como por exemplo no caso da concepção do seu irmão. A Catherine consciente, quando se encontrava desperta, mostrava-se muito mais ansiosa e limitada, muito mais simples e comparativamente superficial. Não era capaz de penetrar neste estado superconsciente. Perguntei a mim mesmo se os profetas e sábios das religiões orientais e ocidentais, os que eram considerados como «actualizados», seriam capazes de utilizar este estado superconsciente para conseguirem a sua sabedoria e conhecimentos. Se assim fosse, então todos nós tínhamos a capacidade de fazer o mesmo, uma vez que todos nós possuíamos esse superconsciente. O psicanalista Carl Jung conhecia os diferentes níveis de consciência. Escreveu sobre o inconsciente colectivo, um estado semelhante ao superconsciente de Catherine.

Começava a sentir-me incrivelmente frustrado com o inultrapassável abismo entre o consciente de Catherine, o intelecto desperto, e a sua mente superconsciente em estado de transe. Enquanto se encontrava hipnotizada conseguia ter com ela diálogos fascinantes a um nível superconsciente. No entanto, quando se encontrava desperta, Catherine não demonstrava o menor interesse pela filosofia ou assuntos relacionados com ela.

Vivia num mundo pragmático, sem prestar atenção ao génio que se encontrava dentro dela.

Entretanto, o pai continuava a atormentá-la e as razões começavam a mostrar-se evidentes. «Tem muitas lições a aprender», afirmei num tom interrogativo.

«Sim... de facto tem.»

Perguntei-lhe se ela sabia o que é que ele tinha que aprender. «Esse conhecimento não me é revelado.» O seu tom era descontraído, distante. «Só me é revelado aquilo que é importante para mim, aquilo que me diz respeito. Cada pessoa deve preocupar-se consigo própria... com o desejo de se transformar... num todo. Temos lições a aprender... cada um de nós. Devem ser aprendidas uma de cada vez...

pela sua ordem. Só então seremos capazes de saber aquilo de que o nosso próximo necessita, ou aquilo de que necessitamos, para que possamos ser um todo.» Falava num murmúrio suave, e o seu murmúrio transmitia um sentimento de indiferença carinhosa.

Quando Catherine voltou a falar, regressara o tom de voz de criança. «Estou a ficar enjoada! Está a obrigar-me a comer isto que eu não quero. A comida é... alface, cebolas, uma coisa que eu detesto. Está a obrigar-me a comer e sabe que eu vou ficar doente. Mas não se importa!» Catherine começou a engasgar-se. Respirava com dificuldade. Sugeriu-lhe mais uma vez que observasse a cena de uma perspectiva superior, que precisava de compreender porque é que o pai agia daquela maneira.

Catherine falou num murmúrio áspero. «Deve preencher um vazio que existe nele. Detesta-me por aquilo que fez, e detesta-se a si próprio.» Já quase que me esquecera do abuso sexual quando ela tinha três anos. «É por isso que ele acha que me deve punir... Devo ter feito qualquer coisa para ele proceder dessa maneira.» Só tinha três anos e o pai estava embriagado. No entanto carregara essa culpa no seu íntimo a partir desse momento. Expliquei aquilo que era óbvio.

«A Catherine era apenas um bebé. Chegou a altura de se libertar dessa culpa. Não fez nada. O que é que poderia fazer uma criança de três anos? Não foi a Catherine; foi o seu pai.»

«Nessa altura também me deve ter odiado» murmurou suavemente. «Já o conhecia antes, mas agora não posso basear-me nessa informação. Tenho que regressar a essa altura.» Embora já se tivessem passado algumas horas, queria regressar ao seu anterior relacionamento. Dei-lhe instruções detalhadas a esse respeito.

«Você está num estado profundo. Dentro de momentos vou começar a contar em sentido inverso, de três para um. Vai ficar num estado ainda mais profundo e sentir-se completamente segura. A sua mente vai sentir-se livre para se deslocar mais uma vez no tempo, de regresso à altura em que começou o seu relacionamento com aquele que nesta vida e o seu pai, de regresso ao tempo em que se verificou a razão mais importante daquilo que se passou na sua infância entre si e ele. Quando eu disser "um" regressará a essa vida e irá recordar tudo. É importante para a sua cura. Você é capaz. Três... dois... um.» Houve uma longa pausa.

«Não o vejo... mas vejo pessoas a serem mortas! » A voz subiu de tom e tornou-se áspera. «Não temos o menor direito de terminarmos abruptamente as vidas das pessoas antes delas terem cumprido o seu karma. E estamos a fazê-lo. Não temos o direito. Poderão ter uma maior retribuição se as deixarmos viver. Quando morrem e vão para a dimensão seguinte, irão sofrer aí. Irão ficar num estado de grande inquietação. Não terão paz. E serão mandadas de volta, mas as suas vidas serão muito duras. E terão que compensar as pessoas que magoaram por causa das injustiças que cometeram contra elas. Estão a deter as vidas dessas pessoas e não têm o menor direito de o fazer. Só Deus as pode castigar e nunca nós. Terão que ser punidas.»

Passou-se um minuto em silêncio. «Partiram», murmurou Catherine. Os Espíritos Mestres deram-nos hoje uma nova mensagem, forte e absolutamente clara. Não devemos matar, sejam quais forem as circunstâncias. Só Deus pode castigar!

Catherine estava exausta. Decidi adiar a nossa busca da sua relação com o pai numa vida anterior, e tirei-a do transe. As únicas coisas de que se recordava eram a

sua encarnação como Christian e de Catherine em menina. Estava cansada, mas mesmo assim em paz e descontraída, como se lhe tivessem tirado de cima um peso enorme. Os meus olhos encontraram os de Carole. Também estávamos exaustos. Tínhamos tremido e suado, pendentes de cada palavra que fora pronunciada. Havíamos partilhado uma experiência incrível.

## 6

Começara a programar as sessões semanais de Catherine para o final do dia, porque se prolongavam por várias horas. Catherine continuava com aquele ar de quem se encontra em paz quando chegou na semana seguinte. Falara com o pai ao telefone. Sem lhe ter dado quaisquer pormenores, tinha-lhe perdoado à sua maneira. Nunca a vira tão serena. Sentia-me maravilhado com a rapidez dos seus progressos. Era raro acontecer que um paciente, vítima de medos e ansiedades de natureza crónica e de tal modo profundos, melhorasse de um modo tão acentuado. Mas também era evidente que Catherine dificilmente poderia ser considerada como uma paciente vulgar, e o rumo que a sua terapia tomara era certamente excepcional.

«Vejo uma boneca de porcelana em cima de uma espécie de prateleira.» Mergulhara rapidamente num transe profundo. «Há livros de ambos os lados da lareira. É uma sala de uma casa qualquer. Junto da boneca vejo candelabros. E um quadro... do rosto, o rosto de um homem...» Estava a inspeccionar a sala. Perguntei-lhe o que é que estava a ver.

«Qualquer coisa que cobre o soalho. E felpudo como se fosse... é uma pele de animal, sim... uma pele de animal que cobre o chão. A direita há duas portas de vidro... que dão para a varanda. A frente da casa tem colunas e quatro degraus que descem para uma vereda. Em volta da casa há árvores enormes... No exterior vejo alguns cavalos. Os cavalos estão amarrados... a alguns postes que se encontram na frente da casa.»

«Sabe onde é que isso é?» perguntei-lhe. Catherine respirou profundamente.

«Não vejo nomes» murmurou, «mas o ano, o ano deve estar em qualquer parte. É o século dezoito, mas eu não... há árvores e flores amarelas, flores amarelas muito bonitas.» Estava distraída com as flores. «Têm um aroma maravilhoso; um cheiro doce, as flores... flores estranhas, grandes flores... flores amarelas com centros negros.» Fez uma pausa, permanecendo no meio das flores. Isto fez-me lembrar um campo de girassóis no sul de França. Perguntei-lhe como era o clima.

«E bastante temperado, mas não há muito vento. Não é nem quente nem frio.» Não estamos a fazer qualquer progresso na identificação do local. Levei-a de volta à casa, afastando-a do fascínio das flores amarelas, e perguntei-lhe de quem era o retrato que se encontrava por cima da prateleira.

«Não consigo... continuo a ouvir chamar Aaron... o seu nome é Aaron.» Perguntei-lhe se era o dono da casa. «Não, o dono é o filho. Eu trabalho na casa.» Mais uma vez estava sujeita a um papel de criada. Nunca conseguira aproximar-se, nem mesmo remotamente, da posição de uma Cleópatra ou de um Napoleão. Os cépticos da reencarnação, incluindo eu próprio dois meses antes e com todo o meu

treino científico, costumavam salientar a frequência muito mais elevada do que aquilo que seria de esperar de encarnações como gente famosa. Encontrava-me agora numa posição inesperada em que a reencarnação havia sido provada cientificamente, precisamente no meu consultório no Departamento de Psiquiatria. E além disso estava a ser revelado muito mais do que uma simples reencarnação.

«Sinto a perna muito...» continuou Catherine, «muito pesada. Dói-me. Quase que dá a impressão de que não está ali... A perna dói-me. Levei um coice dos cavalos.» Disse-lhe para olhar para ela.

«Tenho cabelo castanho, cabelo castanho encaracolado. Uso uma espécie de touca, uma espécie de touca branca... um vestido azul com uma espécie de protecção sobre o vestido... um avental. Sou nova sem ser uma criança. Mas a minha perna dói-me. Aconteceu há pouco tempo. Dói-me horripelmente.» Via-se nitidamente que tinha muitas dores. «Ferradura... ferradura. Deu-me um coice com a ferradura. É um cavalo muito, muito mau.»

A voz ia-se tornando mais suave à medida que a dor se ia desvanecendo. «Sinto o cheiro da forragem guardada no celeiro. Há outras pessoas a trabalharem na área dos estábulos.» Perguntei-lhe qual era o trabalho dela.

«O meu trabalho era servir... servir na casa grande. Também era responsável por mungir as vacas.» Queria saber mais sobre os proprietários.

«A esposa é bastante roliça, com um ar muito desleixado. E há duas filhas... Não as conheço» acrescentou, antecipando-se à minha pergunta seguinte em que queria saber se alguma das pessoas se encontrava presente na vida actual de Catherine. Fiz-lhe perguntas sobre a sua própria família no século dezoito.

«Não sei; não os vejo. Não vejo ninguém junto de mim.» Perguntei-lhe se morava ali. «Sim, vivo aqui, mas não na casa grande. Muito pequena... a casa destinava-se a nós. Há galinhas. Vamos buscar os ovos. São ovos castanhos. A minha casa é muito pequena... e branca... só uma dependência. Vejo um homem. Vivo com ele. Tem cabelo muito encaracolado e olhos azuis. Perguntei-lhe se são casados.

«Não, segundo a sua compreensão de casamento, não.» Tinha nascido ali? «Não, trouxeram-me para a propriedade quando era muito nova. A minha família era muito pobre.» O seu companheiro não parecia ser familiar. Dei-lhe instruções para avançar no tempo, para o acontecimento seguinte daquela vida que fosse significativo.

«Vejo qualquer coisa branca... branca com muitas fitas. Deve ser um chapéu. Um tipo qualquer de chapéu, com penas e fitas brancas.»

«Quem é que usa o chapéu? É...» Ela interrompeu-me.

«A dona da casa, evidentemente.» Senti-me um tanto estúpido. «É o casamento de uma das suas filhas. juntou-se toda a gente da propriedade para assistir à cerimónia.» Perguntei-lhe se fora publicada qualquer coisa no jornal sobre o casamento. Se a resposta fosse afirmativa, pedia-lhe para tentar ver a data.

«Não, julgo que aqui não há jornais. Não vejo nada que se pareça com isso.» Nesta vida estava a tornar-se extremamente difícil obter qualquer tipo de documentação. «Consegue ver-se no casamento?» perguntei-lhe. Respondeu rapidamente, num tom de voz um pouco mais alto.

«Não estamos no casamento. Só podemos observar as pessoas que chegam e que partem. Aos criados não é permitido assistir.

«E o que é que sente a esse respeito?» «Revolta.»  
«Porquê? Tratam-na mal?»

«Porque somos pobres» respondeu suavemente “ e estamos ligados a eles. E temos tão pouco comparado com aquilo que eles têm.»

«Alguma vez saiu da propriedade? Ou tem vivido sempre aí?» Respondeu num tom melancólico. «Vivi sempre aqui.» Conseguia sentir a sua tristeza. A sua vida era ao mesmo tempo difícil e sem esperança. Fiz com que avançasse até ao dia da sua morte.

«Vejo uma casa. Estou na cama, deitada na cama. Estão a dar-me qualquer coisa para beber, qualquer coisa morna. Cheira a hortelã. Sinto um peso muito grande no peito. Custa-me respirar... Dói-me o peito e as costas... É uma dor muito forte... custa-me falar.» Respirava rápida e superficialmente, evidenciando sinais de uma dor profunda. Depois de alguns minutos de agonia o rosto suavizou-se e o corpo descontraíu-se. A respiração voltou ao normal.

“Deixei o meu corpo.» A voz era mais alta e num tom áspero. «Vejo uma luz maravilhosa... Há pessoas que vêm ao meu encontro. Vêm ajudar-me. Gente maravilhosa. Não têm medo... Sinto-me muito leve...» Houve uma longa pausa.

«Ficou com qualquer opinião sobre a vida que acabou de abandonar?»

«Isso é para mais tarde. Para já sinto apenas a paz. E tempo de consolo. Os participantes devem ser confortados. A alma... a alma encontra paz neste lugar. Deixam-se para trás todas as dores do corpo. A alma está serena e em paz. É um sentimento maravilhoso... maravilhoso como se o sol nos confortasse para sempre com o seu calor e o seu brilho. A luz é tão brilhante! Tudo tem origem na luz! A energia vem desta luz. A nossa alma vai *imediatamente* para lá. É quase como uma força magnética que nos atrai. É maravilhoso. E como uma fonte de poder. Sabe como curar.»

«Tem uma cor?»

«Tem várias cores.» Fez uma pausa, repousando nesta luz. «O que é que está a sentir?» arrisquei.

«Nada... apenas um sentimento de paz. Estamos entre amigos. Estão todos ali. Vejo muitas pessoas. Algumas são familiares, outras não. Mas estamos ali, à espera.» Continuou a esperar, enquanto os minutos passavam lentamente. Decidi acelerar o ritmo.

«Tenho uma pergunta a fazer.» «A quem?»  
perguntou Catherine.

«A alguém - a si ou aos Mestres» respondi numa evasiva. «Julgo que a compreensão disto nos poderá ajudar. A questão é a seguinte: somos nós que escolhemos a altura e o modo do nosso nascimento e da nossa morte? Temos possibilidade de escolher a nossa situação? Podemos voltar a escolher a altura da nossa passagem? Julgo que a compreensão disto poderá facilitar bastante a compreensão das razões dos seus medos. Está aí alguém que possa responder a esta questão?» A sala parecia gelada. Quando Catherine voltou a falar, a sua voz era mais profunda e ressonante. Era uma voz que nunca ouvira antes. Era a voz de um poeta.

«Sim, escolhemos a altura em que voltamos ao nosso estado físico e a altura em que voltamos a abandoná-lo. Sabemos quando terminamos aquilo que nos mandaram fazer. Sabemos quando chegou a altura e aceitamos a morte. Isto acontece porque temos consciência de que não conseguimos mais nada desta vida. Depois de termos tido tempo, depois de termos tido o tempo necessário para descansar e reenergizar a alma, podemos voltar a escolher a nossa nova entrada no mundo físico. As pessoas que hesitam, aquelas que não têm a certeza do regresso aqui, podem perder a oportunidade que lhes foi dada, a oportunidade de realizarem aquilo que lhes compete quando se encontram no estado físico.»

Soube imediatamente e de um modo absoluto que não era Catherine que estava a falar. «Quem é que está a falar comigo» implorei, «quem é que está a falar?»

Catherine respondeu no seu murmúrio suave que me era familiar. «Não sei. A voz de alguém muito... alguém que controla coisas, mas não sei quem é. Só consigo ouvir a sua voz e tentar dizer-lhe aquilo que ele me diz.

Ela também sabia que esse conhecimento não vinha dela, não do seu subconsciente, nem do seu inconsciente. Nem sequer do seu eu superconsciente. De certa maneira estava a escutar, e em seguida a transmitir-me, as palavras e os pensamentos de alguém muito especial, alguém que «controla coisas». Tínhamos portanto que surgira outro Mestre, diferente daquele, ou daqueles, de quem haviam surgido as mensagens anteriores plenas de sabedoria. Este era um novo espírito, com uma voz e um estilo característicos, poético e sereno. Este era um Mestre que falava sobre a morte sem qualquer hesitação, e no entanto com uma voz e pensamentos impregnados de amor. O amor transmitia ao mesmo tempo uma sensação de calor e de realidade, embora desprendido e universal. Parecia uma bênção, sem ser sufocante, emocional ou tentar criar dependências. Transmitia um sentimento de um distanciamento impregnado de amor ou de uma distante gentileza carinhosa e fazia-nos sentir vagamente familiares.

O murmúrio de Catherine subiu de tom. «Não tenho a menor fé nessa gente.»

«Não tem a menor fé em que gente?» perguntei-lhe. «Nos Mestres.»

«Nenhuma fé?»

«Não, falta-me a fé. E por isso que a minha vida tem sido tão difícil. Não tinha fé nesta vida.» Catherine analisava calmamente a sua vida no século dezoito. Perguntei-lhe o que é que ela aprendera naquela vida.

«Aprendi sobre a ira e o ressentimento, sobre guardamos sentimentos contra as pessoas. Também tive que aprender que não tenho qualquer controlo sobre a minha vida. Quero ter controlo, mas não tenho. Tenho que ter fé nos Mestres. Eles serão continuamente os meus guias. Mas não tenho a fé. Sinto-me como se tivesse sido condenada desde o início. Nunca considere as coisas com muito prazer. Devemos ter fé... Devemos ter fé. E eu tenho dúvidas. Tenho dúvidas em vez de acreditar.» Fez uma pausa.

«O que é que você deve fazer, e eu também, para nos tornarmos melhores? O nosso caminho é o mesmo?» perguntei-lhe. A resposta veio do Mestre que na última semana falara de poderes intuitivos e do regresso de comas. A voz, o estilo, o tom, tudo era diferente da voz de Catherine e da voz masculina e poética do mestre que acabara de falar.

«O caminho de toda a gente é praticamente o mesmo. Todos nós devemos aprender certas atitudes quando nos encontramos no estado físico. Alguns são mais rápidos a aceitarem-nas do que outros. Caridade, esperança, fé, amor... todos nós devemos conhecer estas coisas e conhecê-las bem. Não se trata apenas de uma esperança, de uma fé e de um amor - há tantas coisas que fazem parte de cada um destes sentimentos. Há tantos modos de os demonstrar. E no entanto encontramos-nos apenas ligados a um pouco de cada um...

Os elementos das ordens religiosas chegaram mais perto do que qualquer de nós, porque tomaram esses votos de castidade e de obediência. Deram tanto, sem pedirem absolutamente nada em troca. O resto de nós continua a pedir recompensas - recompensas e justificações para o nosso comportamento... quando não existem quaisquer recompensas, recompensas para aquilo que nós queremos. A recompensa está em fazer, mas fazer sem esperar o que quer que seja... fazer as coisas de um modo altruísta.

«Não aprendi isso» acrescentou Catherine, no seu murmúrio suave.

Por momentos senti-me confuso com o termo "castidade", mas lembrei-me de que a raiz significava "puro", referindo-se a um estado muito diferente de uma situação de abstinência sexual.

«... Não se excedendo» continuou. «Qualquer coisa feita em excesso... em excesso... Você há-de compreender. De facto você *compreende*.» Mais uma vez fez uma pausa.

«Estou a tentar» acrescentei. Em seguida decidi concentrar-me em Catherine. Talvez os Mestres ainda não tivessem partido. «O que é que eu posso fazer para ajudar Catherine a ultrapassar os seus medos e ansiedades? E a aprender as suas lições? E esta a melhor maneira ou devo alterar qualquer coisa? Ou concentrar-me numa área específica? Qual será a melhor maneira de a ajudar?»

A resposta surgiu na voz profunda do Mestre poeta. Inclinei-me para a frente na cadeira.

«Estás a fazer aquilo que está correcto. Mas isto é para ti, não para ela.» Mais uma vez a mensagem era a de que tudo isto era mais para meu benefício do que para benefício dela.

«Para mim?»

«Sim. Aquilo que dizemos é para ti.» Não só se referiu a Catherine na terceira pessoa como além disso dizia "nós". Havia de facto diversos Mestres que se encontravam presentes.

«Posso saber os vossos nomes?» perguntei, estremeando de imediato por causa do aspecto mundano da minha pergunta. «Preciso de orientação. Tenho tanto que aprender.»

A resposta foi um poema de amor, um poema sobre a minha vida e a minha morte. A voz era suave e terna, e senti o tom carinhoso de um espírito universal. Escutei com espanto.

«Serás guiado quando a altura chegar. Serás guiado... em devido tempo. Quando tiveres realizado aquilo para que foste enviado, então a tua vida terminará. Mas nunca antes disso. Tens muito tempo à tua frente... muito tempo.»



Sentia-me ao mesmo tempo ansioso e aliviado. Senti-me contente por ele não ser mais específico. Catherine estava a ficar inquieta. Falou-me num murmúrio muito baixo.

«Estou a cair, a cair... tentando encontrar a minha vida... a cair.» Deu um suspiro e eu também fiz o mesmo. Os Mestres tinham partido. Meditei sobre as mensagens miraculosas, as mensagens absolutamente espiritualizadas de fontes totalmente espirituais. As implicações eram avassaladoras. A luz depois da morte e a vida depois da morte; a nossa escolha de quando nascemos e de quando morreremos; a orientação firme e infalível dos Mestres; vidas medidas em lições aprendidas e tarefas realizadas, não em anos; caridade, esperança, fé e amor; tudo feito sem qualquer expectativa de recompensa - este conhecimento era-me destinado. Mas com que finalidade? O que e que me *havam mandado* realizar?

As mensagens e acontecimentos dramáticos que me inundavam, no consultório, provocaram alterações profundas na minha vida pessoal e familiar. A transformação foi-se evidenciando gradualmente na minha consciência. Por exemplo, ia de carro com o meu filho a um jogo de *baseball* da universidade quando ficámos bloqueados num enorme engarrafamento. Sempre detestei os engarrafamentos e agora íamos de certeza perder a primeira parte ou mesmo a segunda. Tinha consciência de que não me sentia irritado. Não estava a projectar a culpa em qualquer condutor incompetente. Os músculos do pescoço e dos ombros encontravam-se descontraídos. Não fiz recair a minha irritação sobre o meu filho e estávamos a passar o tempo a falarmos um com o outro. Tive consciência de que desejava apenas passar uma tarde feliz na companhia de Jordan, a vermos um jogo de que ambos gostávamos. Aquilo que pretendíamos naquela tarde era passarmos o tempo juntos. Se me tivesse aborrecido ou irritado, toda a finalidade daquele passeio teria ficado arruinada.

Costumava olhar para os meus filhos e para a minha mulher e interrogar-me se alguma vez teríamos estado juntos noutra vida. Teríamos escolhido partilhar os juízos, tragédias e alegrias desta vida? Seríamos eternamente jovens? Sentia um imenso amor e ternura para com eles. Cheguei à conclusão de que as suas falhas e erros eram insignificantes. Na realidade nada disso é assim tão importante. Mas o amor é.

Cheguei ao ponto de analisar as minhas falhas, pelas mesmas razões. Não precisava de tentar ser perfeito ou controlado constantemente. Na realidade não tinha necessidade de impressionar quem quer que fosse.

Sentia-me muito contente por poder partilhar esta experiência com Carole. Era frequente conversarmos depois de jantar, altura em que expunha os meus sentimentos e reacções nas sessões com Catherine. Carole possuía uma mente analítica e bases muito sólidas. Sabia como me encontrava entusiasmado em continuar as experiências com Catherine de um modo cuidadosamente científico, e desempenhava o papel de advogado do diabo para me ajudar de um modo objectivo neste estudo. À medida que se tornava cada vez mais evidente que Catherine estava de facto a revelar grandes verdades, Carole sentia e partilhava as minhas apreensões e as minhas alegrias.

# 7

Quando Catherine chegou para a consulta seguinte uma semana mais tarde, ia começar a ouvir a gravação do incrível diálogo da última semana. Afinal de contas estava a fornecer-me poesia celestial para além de recordações de vidas passadas. Disse-lhe que tinha informações interligadas de experiências depois da morte, mesmo não tendo ela a menor recordação de todos os estados espirituais intermediários. Manifestou uma certa relutância em escutar. Com um aspecto mais feliz e de melhoras acentuadas, não tinha qualquer necessidade de ouvir este material. Além disso, era tudo um tanto «fantástico». Consegui convencê-la a ouvir. Era maravilhoso, belo, enaltecido e ela sentiu tudo isso. Queria partilhá-lo com ela. Ouviu a gravação do seu suave murmúrio durante alguns minutos e em seguida fez com que eu desligasse. Disse que achava tudo demasiado sobrenatural e que fazia com que se sentisse desconfortável. Silenciosamente recordei aquela frase «Isto é para ti, não é para ela.»

Perguntava a mim próprio durante quanto tempo é que estas sessões iriam durar, já que de semana para semana apresentava melhoras cada vez mais acentuadas. No seu lago, outrora turbulento, agora já só existia uma leve ondulação. Continuava a ter medo de lugares fechados e o seu relacionamento com Stuart ainda era literalmente do género chegar e andar. No que dizia respeito aos outros aspectos, os seus progressos eram notáveis.

Há meses que não tínhamos uma sessão de psicoterapia tradicional. Não se havia mostrado necessário. Conversávamos durante alguns minutos para ficarmos a par dos acontecimentos da semana e em seguida avançávamos rapidamente para a regressão hipnótica. Quer se tratasse de memórias reais de traumas importantes, de minitraumas do dia a dia ou do processo de reviver as experiências, Catherine encontrava-se virtualmente curada. As suas fobias e ataques de pânico praticamente tinham desaparecido. Não tinha qualquer medo da morte ou de morrer. Já não tinha medo de perder o controlo. Os psiquiatras usam actualmente grandes doses de medicamentos tranquilizantes e antidepressivos para tratarem pessoas com os sintomas de Catherine. Para além dos medicamentos, é frequente os pacientes serem enviados para sessões de psicoterapia intensiva ou a sessões de terapia de grupo por causa das fobias. Muitos psiquiatras acreditam que os sintomas como os de Catherine têm uma base biológica, que se verifica uma deficiência em um ou em mais químicos do cérebro.

Enquanto hipnotizava Catherine, levando-a a um estado de transe profundo, pensei em como era notável e maravilhoso que num período de semanas, sem o uso de medicamentos, terapia tradicional ou terapia de grupo, ela se encontrasse quase curada. Não era apenas uma questão de supressão de sintomas nem um cerrar de dentes para viver uma existência povoada de medos. Era uma cura, uma ausência de sintomas. E ela encontrava-se radiante, serena e feliz, muito mais do que alguma vez sonhara nas minhas esperanças mais loucas.

A sua voz era mais uma vez um murmúrio suave. «Estou num edifício qualquer com um tecto em abóbada. O tecto é azul e dourado. Há outras pessoas que estão comigo. Vestem... velhos... uma espécie de túnicas muito velhas e sujas. Não sei como é que fomos ali parar. À nossa volta há muitas imagens. Também há algumas peças, parte delas assentes numa espécie de estrutura de pedra. Há uma enorme imagem

dourada num dos extremos do salão. Parece... É muito grande, com asas. Tem um aspecto diabólico. Está muito calor, muito calor... está calor porque não há aberturas no local onde nos encontramos. Temos que nos manter afastados da aldeia. Há qualquer coisa de errado conosco.»

«Vocês estão doentes?»

«Sim, estamos todos doentes. Não sei o que é que temos, mas a nossa pele morre. Fica completamente negra. Sinto muito frio. O ar está muito seco, muito viciado. Não podemos regressar à aldeia. Temos que permanecer afastados. Alguns dos rostos estão deformados.»

Esta doença parecia terrível, como se fosse lepra. Se ela chegara a ter uma vida agradável, ainda não tínhamos passado por esse período. «Quanto tempo é que vocês têm que ficar aí?»

«Para sempre» respondeu sombriamente, «até morrermos. Não existe cura para isto.»

«Sabe o nome da doença? Como é que lhe chamam?» «Não. A pele fica muito seca e enrugada. Já estou ali há anos. Há outros que acabaram de chegar. Não há qualquer meio de regressar. Fomos expulsos... para morrer.»

Levava uma vida miserável a viver numa gruta.

«Temos que caçar para nos alimentarmos. Vejo um tipo de animal selvagem que estamos a caçar... com cornos. E castanho e tem cornos, uns cornos muito grandes.

“Há alguém que a visite?»

«Não, ninguém se pode aproximar, ou também passará a sofrer do mesmo mal. Fomos amaldiçoados... por qualquer mal que cometemos. E esta é a nossa punição.» A areia da sua teologia mudava constantemente na ampulheta das suas vidas. Só depois da morte, no estado espiritual, é que havia uma agradável e tranquilizadora constância.

«Sabe em que ano se encontram?»

«Perdemos a noção do tempo. Estamos doentes; só estamos à espera da nossa morte.»

«Não há qualquer esperança?» Sentia o desespero contagiante.

«Não há qualquer esperança. Vamos morrer todos. E as mãos doem-me imenso. Sinto uma enorme fraqueza em todo o corpo. Sou velha. Tenho dificuldade em andar.»

«O que é que acontece quando já não conseguem andar?» «Somos transferidos para outra gruta, onde nos abandonam para morrermos.»

«O que é que fazem em relação aos mortos?»

«Selam a entrada da gruta.»

«Alguma vez selaram a entrada de uma gruta antes de uma pessoa morrer?» Estava à procura de uma pista que explicasse o seu medo de espaços fechados.

«Não sei. Nunca lá estive. Estou na sala onde se encontram as outras pessoas. Está muito calor. Deixo-me estar junto à parede.»

«Para que é a sala?»

« É para o culto... muitos deuses. Está muito calor.»

Fiz com que avançasse no tempo. «Vejo qualquer coisa branca. Vejo qualquer coisa branca, uma espécie de palio. Estão a transportar alguém.

«E você?»

«Não sei. Para mim a morte será bem-vinda. Sinto imensas dores por todo o corpo.» Os lábios de Catherine haviam-se transformado quase que num risco por causa das dores, e arfava com dificuldade por causa do calor que fazia na gruta. Levei-a até ao dia da sua morte. Ainda continuava a arfar.

«Custa-lhe respirar?» perguntei.

«Sim, tanto calor aqui... sente-se... tanto calor, muito escuro. Não consigo ver... e não consigo mexer-me.» Estava a morrer, paralisada e só, na gruta quente e escura. A entrada da caverna já fora selada. Sentia-se aterrorizada e miserável. A respiração tornou-se mais rápida e irregular, e morreu misericordiosamente, terminando aquela vida angustiada.

«Sinto-me muito leve... como se estivesse a flutuar. Há muita luz aqui. É maravilhoso! »

«Tem dores?»

«Não!» Fez uma pausa e eu esperei a chegada dos Mestres. Em vez disso foi transportada rapidamente. «Estou a cair muito depressa. Vou regressar a um corpo! » Parecia tão surpreendida como eu me sentia.

«Vejo edifícios, edifícios com colunas redondas. Estamos no exterior. Há árvores - oliveiras - à nossa volta. É muito belo. Estamos a assistir a qualquer coisa... As pessoas usam máscaras esquisitas; cobrem-lhes os rostos. É uma espécie de festival. Usam longas túnicas e têm máscaras que lhes cobrem os rostos. Pretendem ser aquilo que na realidade não são. Encontram-se numa plataforma... Acima do local onde nos encontramos sentados.» «Está a assistir a alguma representação?»

«Estou.»

«Qual é o seu aspecto? Olhe para si.»

«Tenho cabelo castanho. O cabelo está penteado numa trança.» Fez uma pausa. A descrição que fez de si própria e a existência de oliveiras fez-me recordar a vida de Catherine nos tempos da Grécia, mil e quinhentos anos antes de Cristo, quando eu era professor dela, na pessoa de Diógenes. Decidi investigar. «Sabe qual é a data?»

«Não.»

«Há alguém junto de si que possa saber?»

«Sim, o meu marido está sentado ao meu lado. Não o conheço». [Na sua vida actual.]

«Tem filhos?»

«Nesta altura trago uma criança.» A escolha que ela fazia dos termos era interessante, de certo modo arcaica e de modo nenhum compatível com o estilo consciente de Catherine.

«O seu pai também está aí?»

«Não o vejo... Você está aí num lugar qualquer... mas não está comigo.» Tinha portanto razão. Havíamos retrocedido no tempo trinta e cinco séculos.

«O que é que eu estou aí a fazer?»

«Está apenas a assistir, mas é professor. Ensina... Aprendemos consigo sobre... quadrados e círculos, coisas engraçadas. Diógenes, você está ali.»

«O que é que sabe mais a meu respeito?»

«É velho. Seja como for somos parentes... é irmão da minha mãe.»

«Conhece mais pessoas da minha família?»

«Conheço a sua mulher... e os seus filhos. Você tem filhos. Dois deles são mais velhos do que eu. A minha mãe morreu; morreu muito nova.»

«Foi o seu pai que a criou?»

«Sim, mas agora estou casada.» «Está à espera de um bebé?»

«Sim. Tenho medo. Não quero morrer quando o bebé nascer.»

«Foi isso que aconteceu à sua mãe?» «Sim.»

«E tem medo de que lhe possa acontecer a mesma coisa?» «Acontece muitas vezes.»

«É o seu primeiro filho?»

«Sim; estou assustada. Estou à espera dele dentro de pouco tempo. Sou muito grande. Sinto um grande desconforto quando me desloco... Está frio.» Tinha avançado no tempo. O bebé estava quase a nascer. Catherine nunca tivera um bebé, e pela minha parte já não assistia a um parto há catorze anos, desde o meu estágio em obstetrícia na escola médica.

«Onde é que você está?»

«Estou deitada em qualquer coisa dura. Está muito frio. Tenho dores... Preciso de alguém que me ajude. Alguém tem que me ajudar.» Disse-lhe para respirar profundamente; o bebé nasceria sem que ela tivesse dores. Arquejava e gemia ao mesmo tempo. O parto durou mais alguns minutos de agonia até que a criança nasceu. Tinha uma filha.

«Agora sente-se melhor?» «Muito fraca... tanto sangue!» «Sabe qual é o nome que lhe vai dar?»

«Não, estou muito cansada... Quero o meu bebé.»

«O seu bebé está aqui» disse suavemente, «uma menina.» «Sim, o meu marido está muito contente.» Estava exausta. Dei-lhe instruções para dormir um pouco e

acordar mais repousada. Depois de um minuto ou dois, acordei-a do curto sono. «Agora, sente-se melhor?»

«Sim ... Vejo animais. Carregam qualquer coisa no lombo. Transportam cestos. Há muitas coisas nos cestos... alimentos... alguns frutos vermelhos...»

«É uma região bonita?» «Sim, com muita comida.»

«Sabe o nome da terra? Como é que lhe chama quando um estranho lhe pergunta o nome da aldeia?»

«Caténia... Caténia.»

«O nome é parecido com o de uma cidade grega», incitei. «Isso não sei. E sabe uma coisa? Esteve ausente da aldeia e agora regressou. Eu não.» Isto era uma evasiva. Uma vez que, naquela vida, era tio dela, mais velho e mais sabedor, estava a perguntar-me se eu sabia a resposta à minha própria pergunta. Infelizmente não tinha acesso a essa informação.

«Viveu toda a sua vida na aldeia?» perguntei.

«Sim» respondeu ela num murmúrio, «mas você viajou, pelo que deve saber aquilo que ensina. Viaja para conhecer, para conhecer a terra... as diferentes rotas do comércio, para as anotar e fazer mapas... É velho. Vai com gente mais nova porque compreende os roteiros. É muito sabedor.»

«De que roteiros é que está a falar? Roteiros das estrelas?» «Você, você compreende os símbolos. Você pode ajudá-los a fazer... ajudá-los a fazer mapas.»

«Reconhece outras pessoas na gente da aldeia?» «Não os conheço... mas conheço-o a si.»

«Está bem. Como é o nosso relacionamento?»

«Muito bom. Você é muito amável. Gosto de estar sentada ao seu lado; sinto um grande bem-estar... Ajudou-nos. Ajudou as minhas irmãs...»

«No entanto há-de chegar uma altura em que terei que vos deixar, porque sou velho.»

«Não.» Não estava preparada para encarar a minha morte. «Vejo pães, pães achatados, muito achatados e finos.»

«As pessoas estão a comer pão?»

«Sim, o meu pai, o meu marido e eu. E outras pessoas da aldeia.»

«Qual é a razão?»

«É uma espécie... uma espécie de festival.» «O seu pai também lá está?»

«Sim.»

«O seu bebé também está aí?»

«Sim, mas não está comigo. Está com a minha irmã.»

«Olhe atentamente para a sua irmã» sugeri, procurando o reconhecimento de uma pessoa significativa na vida actual de Catherine.

«Sim. Não a conheço.» «Reconhece o seu pai?»

«Sim... sim... Edward. Vejo figos, figos e azeitonas e... frutos vermelhos. Há pão achatado. E mataram um carneiro. Estão a assar o carneiro.» Seguiu-se uma pausa longa. «Vejo qualquer coisa branca...» Mais uma vez progredira no tempo. «É branca... é uma caixa quadrada. É onde colocam as pessoas quando morrem.»

«Então houve alguém que morreu?»

«Sim... o meu pai. Não gosto de olhar para ele. Não quero vê-lo.»

«Tem que olhar? »

«Sim. Têm que o levar embora para o enterrarem. Sinto-me muito triste.»

«Sim, compreendo. Quantos filhos tem?» O repórter que havia dentro de mim não lhe dava tempo para sentir o desgosto. «Tenho três, dois rapazes e uma rapariga.» Depois de ter respondido respeitosamente à minha pergunta, voltou à sua dor. «Colocaram o corpo dele debaixo de qualquer coisa, debaixo de uma espécie de cobertura...» Parecia muito triste.

«Nessa altura também já morri?»

«Não, estamos a beber sumo de uvas, por uma taça.» «Qual é agora o meu aspecto?»

«É muito, muito velho.»

«já se está a sentir melhor?»

«Não! Quando morrer vou ficar sozinha.»

«Sobreviveu aos seus filhos? Eles hão-de tomar conta de si.» «Mas você sabe tantas coisas! » Parecia uma menina a falar. «Você há-de conseguir ultrapassar isso. Também sabe muitas coisas. Estará em segurança.» Tranquilei-a e ela pareceu estar a descansar calmamente.

«Está mais tranquila? Onde é que está agora?»

«Não sei.» Aparentemente já passara para o estado espiritual, mesmo não tendo tido nesta vida a experiência da sua morte. Nesta semana tínhamos percorrido duas vidas com bastantes detalhes. Esperei a chegada dos Mestres, mas Catherine continuava a descansar. Depois de mais alguns minutos de espera, perguntei-lhe se ela era capaz de falar com os Espíritos Mestres.

«Ainda não cheguei a esse plano», explicou. «Não posso falar enquanto não chegar lá.»

Catherine nunca conseguiu atingir esse plano. Depois de uma longa espera, tirei-a do transe em que se encontrava.

# 8

Só três semanas depois é que tivemos uma nova sessão. Durante as minhas férias, deitado na areia de uma praia tropical, tive o tempo e o distanciamento necessários para reflectir em tudo aquilo que acontecera no caso de Catherine: regressão hipnótica a vidas passadas com observações detalhadas e explicações de objectos, processos e factos - dos quais não tinha o menor conhecimento no seu estado normal de vigília; melhoria dos seus sintomas através das regressões - melhoria que não foi conseguida, nem sequer remotamente, por psicoterapia convencional durante os primeiros dezoito meses de tratamento; revelações espantosamente precisas sobre o estado espiritual após a morte, conhecimento transmitido a que não tinha acesso; poesia espiritual e lições sobre as dimensões depois da morte, sobre a vida e a morte, nascimento e renascimento, dos Espíritos Mestres que falavam com uma sabedoria e um estilo muito para além das capacidades de Catherine. Na realidade, havia uma série de temas sobre os quais se tornava necessário meditar.

Ao longo dos anos tratei muitas centenas, talvez milhares de pacientes psiquiátricos, que reflectiam o espectro completo de desordens emocionais. Enviei diversos pacientes internados para quatro das mais importantes escolas médicas. Passei anos em salas de emergência psiquiátrica, em consultas externas, e nas mais diversas instalações, avaliando e tratando pacientes externos. Sabia tudo a respeito de alucinações auditivas e visuais e sobre as perturbações da esquizofrenia. Tratara muitos pacientes com sintomas extremos e desordens históricas de carácter, incluindo os casos de divisão de personalidades ou personalidades múltiplas. Fora um orientador profissional no Drug and *Alcohol Abuse* (Dependência de Drogas e Álcool), fundado pelo National Institute of Drug Abuse (NIDA), e estava perfeitamente familiarizado com a extensão dos efeitos da droga sobre o cérebro.

Catherine não tinha qualquer desses sintomas ou síndromas. Aquilo que se passara não constituía uma manifestação de doença psiquiátrica. Não era psicótica, não se encontrava abstraída da realidade e nunca sofrera de alucinações (ver ou ouvir coisas que não se encontram presentes) ou de delusões (falsas crenças).

Nunca usara drogas, e não tinha qualquer traço sociopático. Não tinha uma personalidade histérica, nem apresentava tendências dissociativas. Ou seja, de um modo geral estava consciente do que fazia ou pensava, não funcionava em «piloto automático» e nunca apresentara divisão de personalidades ou personalidades múltiplas. O material que ela produzia encontrava-se na maioria das vezes para lá das suas capacidades conscientes, tanto em estilo como em conteúdo. Parte dele era particularmente psíquico, como por exemplo as referências a acontecimentos e factos específicos do meu próprio passado (entre outros, o conhecimento a respeito do meu pai e do meu filho), bem como do passado dela. Possuía conhecimentos a que nunca tivera acesso ou reunira na sua vida presente. Estes conhecimentos, bem como a experiência na sua globalidade, eram estranhos à sua cultura e educação, e contrários a muitas das suas crenças.

Catherine é uma pessoa relativamente simples e honesta. Não é uma estudiosa e não podia ter inventado os factos, pormenores, acontecimentos históricos, descrições e poesia, que através dela chegaram até mim. Como psiquiatra e como cientista tinha a



certeza de que o material era oriundo de uma determinada parte da sua mente inconsciente. Era absolutamente real, para lá de qualquer dúvida. Mesmo que Catherine fosse uma actriz altamente dotada, não tinha a menor possibilidade de ter recriado todos aqueles acontecimentos. O conhecimento era demasiado preciso e demasiado específico, situando-se para lá da sua capacidade.

Reflecti sobre a finalidade terapêutica da exploração das vidas passadas de Catherine. Depois de termos deparado com esta nova realidade, as suas melhoras foram extraordinariamente rápidas, sem necessidade de qualquer medicamento. Existe neste domínio uma força curativa extraordinariamente poderosa, uma força aparentemente muito mais eficiente do que qualquer terapia convencional ou medicamentos modernos. A força inclui a recordação e o reviver não só de acontecimentos traumáticos pontuais, mas igualmente os ataques diários aos nossos corpos, mentes e egos. Nas minhas perguntas, durante a observação de vidas passadas, procurava padrões dessas agressões, padrões tais como excessos crónicos emocionais ou físicos, pobreza e fome, doença e deficiências, perseguições e preconceitos persistentes, falhas repetidas, etc. Reservava também um lugar muito especial para essas tragédias lancinantes tais como a experiência traumática da morte, violação, catástrofes maciças ou qualquer outro acontecimento horrível que possa ter deixado uma marca permanente. A técnica era similar à da *revelação* de uma infância em terapia convencional, com excepção do facto da moldura do tempo ser de vários *milhares* de anos em vez dos habituais dez ou quinze anos. Por esse motivo as minhas perguntas eram mais directas e mais orientadoras do que no caso da terapia convencional. Mas o sucesso da nossa exploração não ortodoxa era inquestionável. Ela (e outros que mais tarde viria a tratar com regressão hipnótica) estava a ser curada com uma rapidez espantosa.

Mas haveria outras explicações para as memórias das vidas passadas de Catherine? Poderiam as memórias ser transportadas nos genes? Esta possibilidade era cientificamente remota. A memória genética requer uma passagem não interrompida de material genético de geração para geração. Catherine vivera nos mais diversos locais da terra e a sua linha genética era interrompida frequentemente. Tanto morria numa cheia com toda a sua descendência, como não tinha qualquer filho, ou morria na juventude. O seu fundo genético terminava sem ser transmitido. E o que é que poderia dizer da sua sobrevivência depois da morte e do estado intermediário? Não havia corpo e evidentemente não existia qualquer material genético, e mesmo assim as suas memórias continuavam. Não, a explicação genética tinha que ser posta de lado.

O que é que poderemos dizer da ideia de Jung sobre o inconsciente colectivo, um reservatório de todas as memórias e experiências humanas que de certo modo aí teriam sido gravadas? E frequente encontrarmos em culturas divergentes símbolos similares, até mesmo em sonhos. Segundo Jung, o inconsciente colectivo não foi adquirido pessoalmente mas de certo modo «herdado» pela estrutura cerebral. Inclui motivos e imagens que surgem de novo em cada cultura, sem se basearem em qualquer tradição histórica ou disseminação. Estava convencido de que as memórias de Catherine eram demasiado específicas para poderem ser explicadas pelo conceito de Jung. Não revelava símbolos e imagens e motivos universais. Fazia descrições detalhadas de gente e lugares específicos. As ideias de Jung pareciam demasiado

Apoiamos os direitos autorais.  
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



[umanovatterra.pt](http://umanovatterra.pt)